

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Projeto Dissonante
faça-rádio-web-você-mesmo
Uma experiência de comunicação livre

Memorial de produto apresentado à Universidade de
Brasília como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de Graduação em
Comunicação Social na Habilitação Jornalismo

Leyberson Lelis Chaves Pedrosa 03/21478

Pedro Arcanjo Matos 03/23471

Orientador: Prof. Murilo César Ramos

Co-orientador: Prof. Fernando Oliveira Paulino

Brasília – Distrito Federal, julho de 2007

“O barulho é relativo ao silêncio que o precede. Quanto mais absoluta a quietude, mais devastadoras as palmas. Nossos governantes não ouvem a voz do povo há gerações, Evey... e ela é muito mais alta do que se recordam”. V de Vingança, Alan Moore.

Agradecimentos

Ley agradece:

à paciência e compreensão da minha namorada Mayrá, mãe Teresinha, Pai Lelis, Irmãos Lewander e Lehilton e irmã Lelliane, além das mobílias de casa, que suportaram meus estresses e me apoiaram. Também ao Poney, dissonante em ideologias, mas companheiro de atitudes livres. A@s amig@s da faculdade, verdadeiros educadores-educandos do cotidiano. À oportunidade de ter passado pelo movimento estudantil - Centro Acadêmico de Comunicação e Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação, pelo MNDH, SOS Imprensa, Secretaria de Educação, Casa Brasil, ANDI e, principalmente, pela Rádio Ralacoco, onde encontrei, muito além de entidades ou projetos, pessoas curiosas e interessantes. Também não dá para esquecer dos colaboradores espontâneos. Era só pedir que estavam apt@s a ajudar: Lehilton, Juliana Mendes, Paulino... E um valeu geral a quem acha que ficou de fora, mas faz parte da minha vida, independentemente de citações. Para fechar, um agradecimento especial ao sistema de transporte público do DF, eficiente em deixar a gente na mão.

Poney agradece:

à paciência de meu brother Ley. À inquietude do Pilantra e à de minha mãe. Ao meu pai e minha irmã. Valeu Paulino, um dia o Santos chega lá. À todos os amigos nerds pelas conversas, apoio e incentivo. Ao Marcão Hirax, pelo site e pelas confissões. Ao Kauê, pela colagem e pelas risadas. Aos companheiros de *Underground Ways* e de vida, Pícaro e Hery. Ao Coletivo Caga-Sangue e à todos que tocam comigo, por me ajudar a criar meios práticos para viver alguns dos meus sonhos. À todos aqueles que se sentem dissonantes e ainda resistem. Obrigado à cena DIY por salvar minha vida. Ou acabar com ela de vez.

Poneyley agradece:

Agradecemos a tod@s que nos ajudaram. Coletivamente, funcionamos. Caso contrário, nem estaríamos aqui. E quando não estivermos, o Projeto Dissonante é livre para continuar forte e autônomo com [nov@s](#) dissonantes.

Resumo

O Projeto Dissonante é uma tentativa de se pensar e de se fazer uma Comunicação que seja livre, horizontal, dialógica e não-hierárquica, possibilitando que comunidades, físicas ou não, apropriem-se da internet e de tecnologias de baixo custo para a ação direta na transformação da realidade social do meio em que vivem. O servidor de Rádio *web*, a cartilha o sítio colaborativo www.dissonante.org e os vídeos-tutoriais compõem os eixos integrantes do Projeto Dissonante, que se apresenta como uma estratégia para a democratização da Comunicação. Pessoas ou grupos organizados em contato com o projeto poderão produzir programas de rádio em tempo real, participarem de uma Rádio *web* coletiva e terem acesso às informações sobre o papel de uma Comunicação envolvida com princípios de autonomia, transformação e mobilização social.

Palavras-chave: Rádio *web*, Comunicação Livre, Democratização, Tecnologia Social, Ação Direta, Internet

Sumário

1 - Introdução	7
1.1 – Origem	8
1.2 - Escolha do Nome <i>Dissonante</i>	9
2. Problema da Pesquisa	10
3 – Justificativa	11
4 – Objetivos	12
5 - Referencial Teórico	14
5.1 - Da Comunicação Livre	14
5.2 - Revolução e Consciência	14
5.3 - Estruturas de Poder e micropolíticas de comunidade	19
5.4 - Monopólio da Mídia x Comunicação como direito humano	23
5.5 - Organização e ação: horizontalidade dialógica	25
5.6 - Tecnologia e autonomia	29
5.6.1 – Tecnologia e transformação social	32
5.7 - Mobilização dialógica e democratização	34
5.8 – Copyleft	35
5.9 - Rádio web	37
6 - Procedimentos metodológicos	39
6.1 - Eixos de ação	39
6.1.1 - Tecnologia social de democratização da Comunicação	41
6.1.2 - Apoios e parcerias	41
6.1.3 - Servidores Bill e Ted	45
6.1.4 - Gerenciamento da tecnologia	46
6.1.5 – Cronograma de implementação do servidor	46
6.1.6 - Alcance e suporte	47
6.2 - Desmistificando a produção em Comunicação	47
6.2.1 – Cartilha	48
6.2.2 – Vídeo-tutorial	54
6.3 - Divulgação e debate	56
6.3.1 - Sítio www.dissonante.org	56
6.3.2 -Mala direta de endereços e e-mails e tiragem	59
6.3.3 – Texto de divulgação (Release)	59
6.3.4 – Adesivos de divulgação	60
6.3.5 - Público Alvo e Política de Uso	60
6.3.6 - Rádio Coletiva	61
6.4 – Orçamento	63
6.4.1 - Tabela de Gastos	63
7 – Conclusões	65
Referências Bibliográficas	69
ANEXOS	71
ANEXO A – Edital do Instituto Marista de Solidariedade para apoio educacional	72
ANEXO B – Ata de Reunião de Planejamento da Ralacoco (2007)	81
ANEXO C – Memorando de solicitação de instalação do servidor de Rádio <i>web</i> ao CPD	83
ANEXO D – Proposta informal feita por e-mail ao Casa Brasília-Ceilândia/UnB	88
ANEXO E – Edital de fomento à pesquisa da FINATEC	89
ANEXO F – Capa da cartilha da Rádio Muda	97
ANEXO G – Capa da cartilha da Rádio N ´ÁTIVA	98

ANEXO H -Lista de distribuição da mala direta.....	99
ANEXO I – Foto da instalação do servidor de Rádio Web Bill (22/05/2007).....	102
ANEXO J – Projeto Técnico da Webrádio Unesp Virtual	104

1 - Introdução

O Projeto Dissonante propõe a construção de uma alternativa livre de Comunicação, que se baseia na implementação de um servidor de Rádio *web* a partir de uma estratégia de três eixos: a) tecnologia social de democratização, b) desmistificando a produção em Comunicação e c) divulgação e debate. Dentro deles, insere-se a construção de um sítio colaborativo www.dissonante.org, de uma cartilha (disponível nos formatos eletrônico e impresso), e vídeos-tutoriais para divulgar, debater e promover idéias acerca do projeto. O Projeto Dissonante busca ampliar os espaços gratuitos e de democracia direta na internet para grupos, coletivos, organizações sociais e indivíduos que desejem transmitir e retransmitir programas de rádio em tempo real de qualquer lugar do mundo.

Como ponto de partida para a implementação do projeto, entende-se a Comunicação Social como um direito humano, livre e aberto a todas as pessoas; um possível instrumento para a mobilização e transformação social libertadora (FREIRE: 2007). O uso das estratégias do projeto busca um processo dialógico e dialético de discussões da importância do uso de uma tecnologia social, a implementação do servidor de Rádio *web*, perante os grupos ou pessoas com vontade de se expressar de diferentes formas.

O Projeto não pretende se configurar como única alternativa capaz de sanar os principais problemas com os monopólios de Comunicação, mas busca oportunizar um caminho livre para que se exerça o direito de comunicar por meio da transmissão e reprodução de conteúdos em áudio produzidos de forma coletiva ou individualmente. Nessa lógica, fortalece as manifestações sociais e ações políticas em diferentes esferas da micro-estrutura da sociedade.

O servidor de Rádio *web* possibilita a transmissão de áudio por meio de diversas formas, de acordo com a criatividade e necessidade de uso, a custos orçamentários baixos ou nulos. Apesar do pouco acesso à internet por parte da maioria da população, a veiculação de uma Rádio *web* pode ser feita em quaisquer comunidades, bastando apenas acesso à conexão de internet discada, um computador pessoal, microfone e qualquer acervo sonoro: músicas no computador, CDs, discos vinis ou até mesmo fita-cassetes. Durante a transmissão, além de ouvir a programação pela internet, é possível retransmití-la por ondas sonoras (FM, AM) por meio de rádios livres, comunitárias ou convencionais que tenham acesso à internet.

Para permitir a troca de conhecimentos sobre o Projeto, fez-se necessário a confecção de uma

cartilha em formato *zine* com informações técnicas sobre como fazer Rádio *web* e textos que trazem o debate sobre uma outra forma de se pensar Comunicação. O formato em *zine*, estilo de produção gráfica que normalmente é feita artesanalmente com colagem e fotocópias, foi escolhido propositalmente pela possibilidade de uma veiculação e distribuição de conteúdo de maneira celular, ou seja, sem uma concentração em torno de um centro, devido à fácil replicabilidade. Além da cartilha, também disponível na internet, construiu-se um sítio que concentra a lista de rádios que utilizam o servidor, textos e conteúdos sobre o projeto, dicas e instruções de funcionamento além da plataforma de funcionamento da Rádio Coletiva. Nesse mesmo espaço, grupos ou indivíduos interessados em participar podem cadastrar-se para fazer uma conta de rádio gratuitamente.

Tão importantes quanto os conteúdos e discussões propostos são os princípios de organização que guiam o funcionamento do Projeto Dissonante. Há uma busca por coerência entre meios e fins, ou seja, entre discurso e ação. De acordo com essa lógica, faz sentido conceber um grupo que pensa Comunicação Livre se ele mesmo visa, internamente, quebrar a lógica hierárquica das estruturas de poder, presentes em boa parte dos meios de Comunicação comerciais. Assim sendo, o Projeto Dissonante pretende se organizar de maneira horizontal, autogerida e autônoma.

1.1 – Origem

O projeto Dissonante surgiu como mais um braço de ações da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária), que existe desde 2002 na Universidade de Brasília (UnB) e promove uma programação diversificada pela internet e FM por meio de um coletivo de pessoas formado por professores, estudantes de diferentes cursos e moradores próximos da região. A rádio também desenvolve outras ações de Comunicação Comunitária a partir da promoção de eventos e oficinas e participa do Projeto de Comunicação Comunitária da UnB, que envolve a disciplina de mesmo nome.

A primeira inspiração do Projeto Dissonante surgiu da iniciativa do Portal radiolivre.org, que hospeda o sítio e a transmissão de Rádio *web* da Ralacoco na Internet. O radiolivre.org nasceu da intenção de "um grupo de integrantes de rádios livres que, reunidos no Fórum Social Mundial, admitiram um certo isolamento dos coletivos existentes no Brasil". Para Diniz, o portal serve como um ponto de encontro para as rádios livres. A iniciativa provém espaço para hospedagem de sítios, troca de conteúdos e de idéias por meio de uma lista de discussão

e transmissão ao vivo de rádio pela Internet. "Desde aquele ano, muita coisa mudou, novas rádios surgiram, além de quatro encontros de rádios livres que, aos poucos, estão se viabilizando como uma rede de solidariedade — visando à proteção contra intentos da Polícia Federal", afirmação que se encontra no artigo sobre a radiolive.org para a cartilha "faça-rádio-web-você-mesmo" parte do Projeto Dissonante.

Em 2006, o programa *Underground Ways* da Ralacoco, apresentando por Pedro Arcanjo, foi transmitido pela internet para mais de 80 ouvintes, muito além da média aproximada que é de 5 a 10 ouvintes conectados simultaneamente para cada rádio. Devido à quantidade inesperada e não suportada pelos três servidores do radiolive.org, o coletivo do Portal precisou adequá-los a nova demanda. Em 04 de janeiro de 2007 o coletivo da Rádio Ralacoco realizou uma reunião de planejamento anual e, entre as pautas, aprovou-se que a Ralacoco seria "uma ou a principal gerenciadora do servidor de Rádio *web* com princípios de democratização da Comunicação, a partir do projeto final do Leyberson". O estudante viajou ao IV Encontro de Rádios Livres em Recife, Pernambuco. A partir de sua proposta para a disciplina Pré-Projeto da Faculdade de Comunicação, a intenção da viagem era acompanhar e levantar discussões sobre como a tecnologia poderia ser uma estratégia de transformação social para a Comunicação. Mas do encontro surgiu a idéia de se somar esforços ao Portal radiolive e assim criar mais um servidor de Rádio *web* em uma universidade pública.

A partir de uma reunião com o professor Fernando Paulino, a idéia de montar um servidor se ampliou. Pedro Arcanjo, que desenvolveria inicialmente um estudo comparativo sobre Comunicação Comunitária e Anarquismo como projeto final, juntou-se a Leyberson Pedrosa para desenvolver um projeto que além de possibilitar tecnicamente a inserção de novas rádios na internet, promoveria uma experiência para se pensar e se fazer Comunicação Livre. Assim surgia o Projeto Dissonante.

1.2 - Escolha do Nome *Dissonante*

Em música, dissonância é a qualidade dos sons parecerem instáveis, ou uma nota que não se enquadra na harmonia prevalecente. (MICHAELIS, 2007). Contudo, não é algo necessariamente desagradável ou irritante, já que toda música composta em uma base tonal incorpora um certo grau de dissonância. A dissonância é, na verdade, um instrumento colaborador para a criatividade e responsável por causar tensão e incômodo. Pode se entender

como um ruído que valoriza a harmonia ou a nota fora do tom que dá vivacidade aos acordes.

Alguns estilos musicais consideram esse efeito abjeto e fazem todos os esforços para eliminá-lo. Outros o consideram uma parte atraente do timbre e assim buscam criar instrumentos que intensifiquem essa leve aspereza como propriedade. Assim como a intenção desse projeto, dissonante é estar fora de compasso e ainda assim construir uma melodia. Ou seja, buscar o exercício de uma comunicação livre, alternativa aos modelos e aos interesses da maioria das rádios tradicionais. 2. Problema da Pesquisa

A elaboração do Projeto Dissonante traça alguns questionamentos estruturais relacionados à construção de uma iniciativa de Comunicação contra-hegemônica. Dentro da atual conjuntura dos veículos de Comunicação Social é possível pensar em políticas de Comunicação para além de políticas públicas para as macro-estruturas da sociedade, legitimadas pelo Estado? Em vez de se ocupar primordialmente da análise de outorgas ou concessões de rádios e tevês, buscar construções e caminhos que envolvam a vontade de grupos e pessoas comuns, sem deixarem de ser políticos, e com um esforço de transformação da realidade local, conectada ao contexto global.

Ainda, questiona a viabilidade de se criar veículos de comunicação que são concebidos de maneira horizontal, prezam pela autonomia e funcionam por meio da autogestão, da democracia direta e por interesses que vão além dos capitalizáveis como solidariedade e apoio mútuo. O que se constitui como uma possível ruptura entre os modelos organizacionais e de poder hegemônicos, normalmente marcados pela hierarquia, representatividade de interesses de pequenos grupos dominantes, relações de patrão e empregado, consumidor e produto. Assim como se vê freqüentemente em redações de grandes jornais, rádios comerciais e emissoras de televisão no Brasil.

Por último, o Projeto questiona entender como a tecnologia pode ser utilizada como instrumento que corrobora para a transformação social, distante de sua aplicação convencional de consolidação dos interesses dominantes e mercadológicos. Interessa experimentar como uma tecnologia social pode ser implementada juntamente com um discurso de emancipação dos processos comunicativos.

3 – Justificativa

A relevância do Projeto Dissonante se baseia em proporcionar um novo espaço de comunicação. Ao contrário de grandes aparelhagens e contingente operacional, a prática de Rádio *web* lança mão de tecnologias baratas como a internet para permitir que pessoas e grupos possam vivenciar espaços livres de veiculação de idéias e outros conteúdos. Nessa mesma linha, a facilidade de se produzir e de se veicular sem o auxílio técnico de outras pessoas mostra como é possível entender e se discutir Comunicação como um direito acessível a todos. Entre as ações do Projeto, criam-se meios para demonstrar como é operacionalmente transmitir informações na internet, sendo mais contundente a percepção da necessidade o interesse e vontade de se expressar. A ética do faça-você-mesmo pode ser um incentivo às manifestações de expressão livre por meio da ação direta de indivíduo e grupos, possibilitando que as pessoas criem seus próprios meios para se comunicar, independentes de mediadores ou representantes.

A internet é um fenômeno recente para a sociedade e ainda se encontra restrita a uma pequena parcela detentora de capital e que possa priorizar seus gastos com a aquisição de um computador e manutenção de conexão a rede. O mercado foi um dos primeiros a se apoderar da ferramenta, elaborando estratégias de publicidade e ocupação de um espaço aparentemente gratuito. Contudo, surgem novas manifestações que tentam se apropriar da rede como um instrumento de integração, divulgação do conhecimento, debate e formação. Também têm surgido projetos de uso da internet dentro de uma proposta de mudança da ordem vigente ou como forma de fortalecer ideologias e idéias que não possuem o mesmo espaço em mídias convencionais. É o caso do cenário independente, no qual bandas, coletivos e pessoas começam a produzir conteúdos e publicá-los automaticamente, sem qualquer tipo de intervenção, sejam eles músicas ou textos em *blog*. O Projeto Dissonante se soma a essa última linha de participação na rede e amplia o debate sobre os novos usos da Comunicação na internet, debatendo e propondo que ela não é, em essência, livre e muito menos autoritária, mas depende de com é aplicada.

A aplicação desse projeto também se faz necessária para a sociedade ao se discutir um uso social da tecnologia. Para isso, procura-se, primeiramente, compreender o que significa o conceito de tecnologia e, posteriormente, desenvolvê-la dentro de uma ação de democratização da Comunicação. Nela espera-se uma participação de setores da sociedade dispostos a praticar novas idéias de como se comunicar. Assim, entende-se tecnologia não como o instrumento resultante de pesquisas, mas como a própria pesquisa aliada de objetivos e inquietações.

O Projeto Dissonante é uma oportunidade impar dentro do cenário acadêmico, pois é fruto de um momento de elaboração experimental de um projeto final. Dessa maneira, o Projeto se configura como alternativa ao exercício da Comunicação diante dos grandes monopólios da Mídia. Uma maneira de se pensar Políticas de Comunicação não apenas como Políticas Públicas do Estado, mas como uma articulação de forças e vontades de pessoas com vontade de se comunicar. Ressalta-se, apenas, que a idéia não é ser uma solução para os principais problemas do monopólio e concentração dos meios. Somente a prática de Rádio *web* não é suficiente para reverter o problema atual. Contudo, é relevante por sugerir uma experiência reflexiva de que novos caminhos existem e devem ser discutidos e colocados em prática.

4 – Objetivos

O Projeto Dissonante pretende oportunizar a indivíduos, grupos, coletivos e organizações sociais acesso um espaço livre e gratuito na internet para que possam criar Rádios *web*, elaborando diferentes eixos de ação para que isso seja possível.

Busca-se criar elementos para capacitar indivíduos e grupos - zine, sítio, cartilha e vídeo-tutorial – dentro da ética do *faça-você-mesmo*, para assim configurar e montar uma Rádio *web*, desmistificando a restrição do domínio dos meios tecnológicos a especialistas ou poucos privilegiados.

Pretende-se também multiplicar gradativamente o debate sobre possibilidades de exercício da Comunicação de forma livre, horizontal e autônoma, tendo em vista a capacidade da sociedade de se apropriar do uso das tecnologias sociais para a ação direta na transformação da realidade.

Por último, levantar idéias e suscitar debates sobre a importância do papel de micropolíticas de Comunicação que se traduzam em ações concretas para a democratização dos meios de Comunicação frente aos grandes conglomerados e monopólios midiáticos, e como forma de garanti-la como um direito humano.

5 - Referencial Teórico

5.1 - Da Comunicação Livre

Um possível entendimento de Comunicação Livre pode estar próximo ao que o professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Luiz Martins chama de “conceito ético de Comunicação” em seu texto *Mobilização e Mudança Social*. Ligada a uma ação transparente, dialógica, que necessita do sujeito e busca o bem coletivo. Para Luiz Martins, a Comunicação pode ser entendida como persuasão, que é a busca da cooperatividade, longe de qualquer posicionamento próximo a dominação por poder. “Comunicação não pode ser confundida com o simples exercício do poder, quando o poder diz cumpra-se, não está sendo dialógico, mas tão somente exigindo, mediante o poder de coerção e punição”. (1997, 29). Essa Comunicação visa a mudança. Não aquela “orientada por um líder, uma autoridade, um carisma, ou porque um outro tomou a iniciativa de realizar a mudança” (1997, 28-31), a que é de fora para dentro. Autoritária e dependente. Mas sim a mudança autônoma, “que nasce da interatividade e do consenso”. A que dura mais, “pois pertence aos atores que dela foram sujeitos” (1997, 28-31). Uma Comunicação que consegue estabelecer diálogo, interagir e mobilizar. Que busca uma coerência entre fins e meios. Horizontalidade e cooperação ao invés de verticalidade e desagregação, mesmo que por uma ‘boa causa’. Uma Comunicação em que, “todos os interlocutores estejam buscando o bem coletivo e o bem coletivo acima dos interesses particulares” (1997, 28-31).

5.2 - Revolução e Consciência

Enquanto passava seus últimos dias na prisão, o italiano Antônio Gramsci reestruturou o pensamento marxista com o conceito de hegemonia. Para Gramsci, o consentimento também é um tipo de opressão, já que “a supremacia de um grupo social se manifesta de duas formas, como ‘dominação’ e como ‘direção intelectual e moral’. A segunda é exercida por meio de organizações ditas privadas como Igreja, sindicatos e a Escola” (ANDERSON. 1986, 22-23). A hegemonia não vem da força. São os indivíduos que se deixam domar. E para enfrentá-la é preciso criar uma contra-hegemonia, o que Gramsci também entende como revolução, a medida que transformação social não deve ser mais “concebida como um ato insurrecional de tomada do Poder do Estado, mas como um processo, no qual reforma intelectual e moral é

parte integral, em vez de simplesmente uma consequência possível” (DAGNINO, 2000, 66-67). O pensador italiano também permite uma outra noção de poder. Para Gramsci, “o poder não é entendido como uma instituição, uma ‘coisa a ser tomada’ mas uma relação entre forças sociais que deve ser transformada” (2000, p 66-67).

O pensamento gramsciano pode ser aproximado com as idéias do escritor estadunidense Murray Bookchin, fundador da “Ecologia Social”, escola de pensamento que liga socialismo-libertário à ecologia. O escritor também ficou conhecido por seus escritos sobre municipalismo libertário, em que assembléias de democracia direta se oporiam substituiriam o Estado. De acordo com o Bookchin o entendimento mais abrangente de revolução ganha força ao se pensar a sociedade que nos encontramos, mais complexa do que a estratificada em classes da análise marxista do século XIX, pois “camadas já não se enquadram na elegante e simplista divisão de classes correspondentes ao trabalho assalariado e ao capital” (1999, 21). Para o autor, é importante que “os novos movimentos sociais ultrapassem as tradicionais fronteiras de classe”. (1999, 22) O escritor anarquista deposita uma esperança que outros direcionamentos, como a questão de gênero, podem romper com o estruturalismo econômico dos movimentos e da atuação social, sendo que “deste fermento pode nascer um interesse geral mais amplo pela sua finalidade, novidade e criatividade que os interesses economicamente interessados do passado”. (1999, 22).

A contra-hegemonia assinalada por Antonio Gramsci encontra um paralelo com o entendimento que Bookchin possui do fenômeno da contracultura, surgida com a ‘beat generation’ durante a década de 1950. Para o autor, “o anarquismo sempre sublinhou a necessidade de uma regeneração moral e de uma contracultura (no melhor sentido do termo) antagônica da cultura dominante” (1999, 24). O escritor considera esse tipo de ação autônoma como um pressuposto de uma sociedade livre, sendo “impensável uma sociedade autogestionária sem atividade autônoma”. (1999, 50). A Bookchin não interessa os padrões formais de atuação política, já que para ele “é visível que a contracultura não produziu nem partido revolucionário ‘de massa’ nem transformação política consequente” (1999, 59). O que o autor considera importante é justamente a capacidade de transformação pessoal que a construção de contra-hegemonias possibilita, à medida que “em contrapartida, (...) constata-se que esta ‘iluminação’ dissolve gradualmente a sujeição do indivíduo às instituições, as autoridades e aos valores que desviam todas as lutas de libertação” (1999, 59).

Murray Bookchin explica que “a tarefa dos revolucionários” seria ajudar outras pessoas a se

tornarem revolucionárias “e não ‘fazer’ revoluções”. (1999, 68) E para ele “esta atividade só se inicia no momento em que o indivíduo começa a transformar-se”. (1999, 68) A transformação pessoal não implica, entretanto, em solidão, já que “esta transformação não pode efetuar-se na solidão; pressupõe relações duradouras de amor e de auxílio mútuo com outros indivíduos do mesmo gênero” (1999, 68).

O enfoque na revolução individual, na transformação das relações interpessoais e na maneira de se relacionar com o mundo demonstram a centralidade da noção de consciência para os autores de política radical e libertária. Bookchin acredita que “os verdadeiros revolucionários devem afirmar que a forma mais avançada de consciência de classe é a consciência do eu”. (1999, 51) O que para o autor seria a “individualização das ‘massas’ em seres conscientes capazes de controlarem, diretamente e sem intermediários, a sociedade e as suas próprias vidas” (1999, 51) Segundo o autor, isso só pode ser possível com a superação das aspirações estritamente de classe ou de outras estratificações e divisões da sociedade, já que para ele “nenhum ‘grupo de trabalhadores’ se tornará verdadeiramente revolucionário se não assumir as aspirações humanas do operário enquanto indivíduo, se não participar na desalienação do seu modo de vida, se não se esforçar por transcender o universo da fábrica”. (1999, 67). O autor ainda aponta que “a classe operária não pode tornar-se revolucionária apesar dela, mas sendo ela própria a causa e o agente desta evolução. Esta resulta do acordar da sua consciência autônoma” (1999, 67).

Murray Bookchin foi influenciado quando jovem pelo marxismo. Desiludido com a coerção que viu como inerente ao marxismo-leninismo, passou a buscar uma teoria política com uma coerência maior entre meios e fins e que respeitasse as liberdades e desejos individuais. Segundo o autor, um pressuposto para uma organização humana livre, que define como a “erosão das restrições inconscientes aos desejos enterrados no mais íntimo do indivíduo e à sua plena expressão, constituem as condições prévias para a instauração de uma sociedade libertadora” (1999, 59). Ele critica o estruturalismo do pensamento marxista e a dependência econômica do conceito de consciência dessa corrente, e afirma que “considerar o desenvolvimento da consciência apenas como o reflexo no plano subjetivo do aumento da produção material” (1999,63) assim como “afirmar, como o Marx da maturidade, que a moral, a religião e a filosofia só são ‘reflexos e ecos ideológicos’ da realidade, não conhecendo ‘nem história nem desenvolvimento próprios’ (1999,63) é negar “qualquer base autêntica para transcender a situação atual” (1999,63).

Outras maneiras para a superação das atuais estruturas de poder também é que interessa Hakim Bey, pseudônimo do escritor e ensaísta estadunidense Peter Lamborn Wilson. O autor escreveu diversos ensaios sobre as tradicionais sociedades secretas chinesas (Tong), morou alguns anos na Índia, Paquistão e Afeganistão e no Irã, aonde chegou a ser filiado a Academia de Filosofia Iraniana. O autor é um estudioso das idéias do anarquismo e do situacionismo e também escreveu sobre Charle Fourier e Friderich Nietzsche. Em língua turca Hakim significado *juiz* e Bey significa *cavalheiro*. Até hoje não se sabe se outros escritores utilizaram o mesmo pseudônimo para assinar textos de caráter libertário. Hakim Bey ficou conhecido mundialmente a partir de seus estudos históricos sobre as utopias piratas e o conceito de Zona Autônoma Temporária, em inglês *Temporary Autonomous Zone*, abreviado como TAZ.

Assim como outros autores de política radical do final do século XX, Bey procura pensar revolução em outros termos. O que lhe interessa é a busca de uma autonomia temporária ligada à estratégia do desaparecimento. Desiludido com a possibilidade de tomada de poder, Hakim Bey começa a traçar uma série de perguntas que despertam um pouco do paradoxo de se pensar anarquismo e política libertária dentro de um sistema capitalista, uma vez que “estamos nós que vivemos no presente, condenados a nunca experimentar a autonomia, nunca pisarmos nem que seja por um momento sequer, num pedaço de terra governado apenas pela liberdade? Estamos reduzidos a sentir nostalgia pelo passado ou pelo futuro?” (1999, 13) O autor também questiona: “devemos esperar até que o mundo inteiro esteja livre para que pelo menos um de nós possa afirmar que sabe o que é ser livre?” (1999, 13) Hakim Bey esboça uma resposta a essas perguntas quando afirma que “dizer ‘só serei livre quando todos os seres humanos (ou todas as criaturas sensíveis) forem livres’, é simplesmente enfurnar-se numa espécie de estupor de nirvana, abdicar da nossa própria humanidade, definirmo-nos como fracassados”. (1999, 13).

Uma saída possível para esse tipo de questionamento está na TAZ conceito-chave de Hakim Bey. De definição complexa, a idéia sobre uma Zona Autônoma Temporária é de como um grupo, “uma coagulação voluntária de pessoas afins não-hierarquizadas podem maximizar a liberdade por eles mesmos numa sociedade atual” e como se organizar “para a maximização de atividades prazerosas sem controle de hierarquias opressivas” (WIKIPEDIA, 2007). Trata-se, portanto, da busca por espaços livres e autônomos na sociedade capitalista, sem necessariamente desejar permanência ou estabelecer confronto e violência. Para o escritor,

trata-se “um certo tipo de ‘enclave livre’” que “não é apenas possível nos dias de hoje, mas é também real”. (BEY, 1999, 13) A formação de TAZ não tem interesse algum pela estabilidade, mas pela intensidade, pois “deseja, acima de tudo, evitar a *mediação*, experimentar a existência de forma *imediata*” (1999, 34) O autor afirma que esse tipo de atuação estaria, portanto, mais próximo de um levante do que de uma revolução propriamente dita, já que “a História diz que uma revolução conquista ‘permanência’, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é ‘temporário’. Nesse sentido, o levante é uma ‘experiência de pico’ se comparada ao padrão ‘normal’ da consciência e experiência”. (1999, 16) Assim como Bookchin, Bey demonstra um interesse pela transformação pessoal e por uma espécie de psicologia da revolução quando afirma que “tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida”. (1999, 16).

Hakim Bey afirma que Zona Autônoma Temporária não é um fim em si mesmo, mas a recomenda como estratégia política, pois “pode fornecer a qualidade do enlevamento associado ao levante sem necessariamente levar à violência e ao martírio (1999, 17) Trata-se de uma maneira diferente de pensar rebelião, “uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la” (1999, 17) As diferenças encontradas na atuação da TAZ dizem respeito, inclusive, ao se pensar subversão de maneira bem-humorada e no bom-humor como forma de subversão, definida pela “emergência de uma cultura festiva distanciada ou mesmo escondida dos pretensos gerentes do nosso lazer” (1999, 26).

Outra particularidade notável na teoria da TAZ diz respeito ao desaparecimento como estratégia de atuação. Uma estratégia de impessoalidade e efemeridade, que propõe atividades alternativas em vez do combate direto com as Instituições e se articula com redes sociais que não são mais físicas ou sequer fixas. De acordo com Bey o desaparecimento parece ser “uma opção radical bastante lógica para o nosso tempo, de forma alguma um desastre ou uma declaração de morte do projeto radical” (1999, 64). Hakim Bey afirma, na verdade que grande trunfo da TAZ está em sua invisibilidade. “A TAZ é uma tática perfeita para uma época em que o Estado é onipresente e todo-poderoso mas, ao mesmo tempo repleto de rachaduras e fendas” (1999, 18). Para ele, a TAZ é uma possibilidade de um microcosmo daquele ‘sonho anarquista’ de uma cultura de liberdade, posto que ele não consegue “pensar em melhor tática para prosseguir em direção a esse objetivo e, ao mesmo tempo, viver alguns

de seus benefícios aqui e agora” (1999, 18).

Segundo Bey, a invisibilidade não se trata de uma estratégia negativa, e sim propositiva e construtiva “ao contrário da interpretação niilista e mórbida da teoria, a TAZ pretende *miná-la* em busca de estratégias úteis para a contínua ‘revolução de todo dia’: a luta que não pode cessar mesmo com o fracasso final da revolução política ou social”. (1999, 64) Bey explica a importância da política do cotidiano “porque nada, exceto o fim do mundo, pode trazer um fim para a vida cotidiana, ou para as nossas aspirações pelas coisas boas, pelo Maravilhoso” (1999, 64).

Para explicar melhor a política do desaparecimento, o escritor norte-americano usa o conceito de ‘elementos de recusa’ que em parte consciente e em parte inconsciente “influenciam mais pessoas do que qualquer *idéia* anarquista ou de esquerda”. (1999, 64). Ele cita, por exemplo, o elemento de recusa contra a política como o ato de não votar: “esses gestos são feitos *contra* instituições, e nesse sentido são ‘negativos’ – mas cada gesto negativo também sugere uma tática ‘positiva’ para substituir, em vez de simplesmente refutar, a instituição desprezada” (1999, 64). O gesto positivo paralelo ao negativo de simplesmente não votar seria organização de redes como alternativa à Política institucional. Dessa maneira, o autor afirma que o desaparecimento não é necessariamente uma ‘catástrofe’ já que “os gestos positivos parecem envolver vários graus de invisibilidade em vez de confrontação revolucionária tradicional” (1999, 69).

5.3 - Estruturas de Poder e micropolíticas de comunidade

Durante o final do século XX com o ocaso do socialismo soviético e o avanço do neoliberalismo de Reagan e Thatcher, autores, como o professor da Universidade Johns Hopkins, o economista estadunidense Francis Fukuyama, autor do livro *The End of History and the Last Man* (1992) falam em fim da história, fim da luta de classes e das ideologias e vitória do Capital e da democracia liberal. De qualquer maneira, parece impossível negar que a humanidade se encontra em nova situação. Todas as relações humanas, das afetivas às de acumulação de bens, parecem marcadas pela fragmentação. Múltiplas e complexas, afirma o sociólogo polonês e professor da Universidade de Leeds Zygmunt Bauman em sua teoria da Modernidade Líquida em livros como *Amor Líquido* (2004) e *Mal-estar da pós-modernidade* (1998).

As macroestruturas de poder parecem já não possuir a mesma relevância para as nossas vidas. É a pós-modernidade. E é difícil compreendê-la. Tudo indica que as velhas estruturas podem não ser suficientes para entender essa nova realidade. Mas também não se sabe o que funciona. Mesmo assim, existem autores que tentam explicá-la.

O sociólogo português e professor da Universidade de Coimbra Boaventura de Souza Santos é uma dessas pessoas. Ele parte das contradições com a noção de “natureza do capitalismo” e “Estado” para fazer sua análise. Isso porque, nos últimos 15 anos a concepção de capitalismo oscila entre, para uns, negar na prática sua ideologia já para outros afirmá-la incessantemente. Assim como o entendimento de “Estado” que varia entre um Leviatã devorador e um empreendedor que falhou. Para o pesquisador, o fato de um mesmo termo possuir acepções tão distintas é devido ao que chama de “nebulosidade”. Ela possui três causas principais, todas ligadas a conceitos que o autor analisa como ultrapassados. A primeira causa seria o fato de “continuamos a analisar os processos de transformação do fim do século XX com recurso a quadros conceptuais desenvolvidos no século XIX e adequados aos processos sociais então em curso”. (SANTOS, 1995, 115) A segunda razão, para o escritor português, é o predomínio do “Estado-Nação enquanto unidade de análise e suporte lógico da investigação”. Uma espécie de barreira que impede a captação da autonomia crescente, “quer das estruturas e dos processos locais típicos de unidades de análise menores (a lógica infra-estatal) quer dos movimentos globais, ao nível do sistema mundial (a lógica supra-estatal)”. (1995, 115) O terceiro e último problema para a análise da pós-modernidade de acordo como Boaventura Santos é o fato da teoria sociológica continuar a ser basicamente derivada das experiências nas sociedades centrais. Isso a “torna pouco adequada à análise comparada e inclinada a suscitar generalizações espúrias” (1995, 115).

O escritor norte-americano Murray Bookchin encontra nesse impasse das estruturas na pós-modernidade e na crise do Estado-Nação uma possibilidade de trazer a atuação política de volta ao cotidiano, à vida comunitária e às microestruturas. Situação que, para o autor não era possível desde o século XVIII, quando “com o aparecimento do Estado-Nação e da revolução industrial, a economia adquiriu proeminência sobre a comunidade” (BOOKCHIN, 1999, 11). O autor aponta o período de início do processo de acumulação rápida de bens de capital, com conseqüente aumento da mecanização, como o período de “mudança de tônica do comunitarismo para o industrialismo, dos valores comunitários para os da fábrica” (1999, 12). Bookchin faz uma dura crítica à absorção dos valores da fábrica pelo meio revolucionário ao

relembrar que “obras que gozaram do prestígio quase sagrado no meio sindicalista revolucionário exaltam o significado da fábrica e do posto de trabalho, para não falar já do papel messiânico do proletariado” (1999, 12). Para o escritor, o local de trabalho foi, ao longo da História, lugar de exploração e de subordinação hierárquica. “Não serviu para ‘disciplinar’, ‘unir’ e ‘organizar’ o proletariado para mudança revolucionária, mas, pelo contrário, para acostumar a obediência” (1999, 12). O autor, então, conclui que o abandono dos hábitos industriais e a participação ativa na vida comunitária são uma saída de libertação não só para o proletariado, mas para qualquer setor oprimido da sociedade.

Em seu livro *Municipalismo Libertário*, Bookchin afirma que a gestão do local, cidade e bairro, possibilitam estruturas de organização libertadoras para as pessoas. Mas para isso é importante desfazer o que o autor considera um equívoco: “a política – gestão da cidade (*polis*) – tem sido desvirtuada em governo do Estado, tal como a palavra *polis* tem sido impropriamente traduzida por Estado” (1999, 13). Com esse outro entendimento de *polis* e de política fica mais fácil compreender Bookchin quando ele afirma que “o aparecimento da cidade abre espaços a uma humanidade universal distinta da tribo agropastoril, a um civismo inovador distinto da comunidade fechada na tradição e que se exprime na gestão da *polis* por um corpo de cidadãos livres” (1999, 14). O autor insiste na distinção entre política e Estado, que para ele, “implica a reencarnação das massas num sistema articulado de assembleias, a constituição de um corpo político atuando num espaço de livre expressão, de racionalidade comum e de decisão radicalmente democrática” (1999, 15). É essa a chave para o pensamento municipalista, pois “o espaço cívico – bairro, cidade – é o berço em que o se civiliza e civilizar é sinônimo de politizar, transformar a ‘massa’ em corpo político deliberativo, racional e ético” (1999, 16).

A noção que Bookchin possui de comunidade parece ser, entretanto um pouco limitada. O interessante pode ser ampliar esses princípios de ação em comunidades físicas como bairros para comunidades e redes que extrapolam o limite físico. Como explica o pesquisador Marcos Palácios, a redução do conceito de comunidade a agrupamentos locais, de vizinhanças e vilas é “uma compreensão extremamente estreita e até conservadora” (PALÁCIOS, 1999, 35). Para o autor, pensar a comunidade de maneira limitada é tomar por base o “modelo medieval de família extensa e de vila”. A família pode ser um protótipo para a comunidade, mas ela engloba “crenças compartilhadas e trabalho em comum como elementos fundamentais” (1999, 36).

Palácios afirma que a comunidade não é apenas um lugar no mapa, já que “as pessoas podem ter uma diversidade de experiências de comunidades, independente de estarem vivendo próximas uma às outras” (1999, 36). Para além disso, “a comunidade deve ser vista como toda forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum de um grupo de pessoas” (1999, 36) e isso não depende da “dimensão do grupo ou de sua dispersão ou proximidade geográfica”.

O professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Rogério Costa acredita que é preciso compreender o surgimento dessas novas formas de comunidade, “o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas” (COSTA, 2005, 239). Pouco se questionou sobre “o próprio conceito de comunidade em jogo” (2005, 239). Para o acadêmico, “cobrar das comunidades virtuais aquilo que se entendia romanticamente por 'comunidade' (...) seria simplesmente se impedir de ver o que vem acontecendo nos movimentos coletivos de nossa época” (2005, 246). Costa cita Pierre Lévy, que entende as comunidades virtuais como “uma nova forma de se fazer sociedade. Essa nova forma é rizomática, transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços”. (2005, 246)

De qualquer maneira, um exercício importante quando se pensa ações comunitárias é não deixar que a segurança da comunidade se torne um entrave para a liberdade dos indivíduos. Essa tensão entre comunidade e individualidades é apontada pelo professor de sociologia da Universidade de Leeds, Zygmunt Bauman, em seu livro *Comunidade*. Ele acredita que a comunidade real exige “rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou que promete postar” (10, 2003). Para o sociólogo polonês “há um preço a pagar pelo privilégio de 'viver em comunidade' (...) pago em forma de liberdade, também chamada 'autonomia', 'direito à auto-afirmação' e 'à identidade'” (10, 2003). Essa dicotomia não seria um fenômeno natural, mas “a receita que a partir da qual 'as comunidades realmente existentes' foram feitas” (2003, 10), o que para Bauman “torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e difícil de consertar” (10, 2003). Essa comunidade a que o sociólogo se refere parece se assemelhar mais a um condomínio fechado, hierarquizado e autoritário em que regras como “não fale com estranhos, (...) abstenha de agir de modo esquisito, (...) ponha alarmes em sua porta” (2003, 10) garantem a coesão comunitária. Se, de acordo com Bauman “não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo”, (2003, 11), mas é o sociólogo mesmo que afirma que “isso não é razão para que deixemos de

tentar”.

A rivalidade entre coletividade e individualidade está presente também no discurso do filósofo francês e teórico anarquista Pierre-Joseph Proudhon. Como escreve o jornalista Caio Túlio Costa em sua introdução do livro *O que é anarquismo?*, da coleção de livros *Primeiros Passos*, Proudhon sugere uma possível saída para essa aparente dicotomia. Ele afirma que “o indivíduo seria justamente o ponto de partida e a meta última dos esforços humanos”. (COSTA, 1985, 35), mas a sociedade “representaria a matriz na qual a personalidade de cada homem deveria encontrar a sua função e realização” (1985, 35). Almejar a liberdade individual não se confunde com individualismo já que ninguém pode viver isolado. Dessa maneira “Proudhon viu a liberdade individual profundamente radicada no processo natural de desenvolvimento da sociedade humana”. (1985, 35).

5.4 - Monopólio da Mídia x Comunicação como direito humano

Historicamente, os principais meios de Comunicação se organizaram em grandes empresas que, com o suporte econômico, consolidaram-se em grandes monopólios. O exemplo clássico no Brasil é das Organizações Globo, alvo de pesquisa em um estudo denominado *A História Secreta da Rede Globo* (1987), do jornalista Daniel Herz. Na obra, o pesquisador revela as relações econômicas, políticas e a sociedade com a *Time-Lime*, que permitiram à Globo um controle absoluto sobre a audiência em TV aberta no país.

Esse perfil de organização midiática possui funcionamento, intenções de empresas capitalistas. Sobre essa constatação que trata o texto “O capital da mídia na lógica da Globalização”, escrito pelo professor da Universidade Federal Fluminense, Dênis de Moraes. O artigo demonstra como “os conglomerados de mídia atuam como agentes econômicos globais, contribuindo para revigorar o modo de produção capitalista” (MORAES, 2003). Moraes revela o duplo papel que as corporações de mídia exercem na contemporaneidade, “o primeiro diz respeito a sua condição peculiar de agentes operacionais da globalização, do ponto de vista da enunciação discursiva (2003). Para o pesquisado, as empresas de conglomerados midiáticos “não apenas vendem e legitimam o ideário global, como também o transformam no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação de demandas coletivas” (2003)

A hegemonia da grande mídia é configurada por uma capacidade de “de interconectar o

planeta, através de malhas de satélites, cabos de fibra óptica e redes infroeletrônicas” de maneira que o autor admite não crer em “outra esfera da vida cotidiana habilitada a interligar, em tempo real e *online*, povos, países, sociedades, culturas e economias” (2003). Essa articulação que se adere a uma lógica da globalização parece apenas funcionar inserida em um sistema capitalista em que os meios de comunicação se portam pelas premissas básicas empresariais. Dessa maneira, “os grupos de comunicação buscam alcançar os parâmetros de lucratividade e rentabilidade que orientam as ações dos demais gigantes transnacionais (2003). Assim, todo o funcionamento dos “interesses estratégicos, modelos organizacionais e alvos mercadológicos assemelham-se”, não sendo possível uma “distinção essencial entre filosofias, metas e estruturas operativas” (2003). Moraes exemplifica a análise por meio da comparação: “AOL-Time Warner, News Corp, Bertelsmann: nada difere os seus contornos corporativos dos de mastodontes como a General Motors, a McDonald's e a IBM. As diferenças localizam-se nas áreas específicas de atuação” (2003).

A relação de Comunicação e consumo é o centro das críticas do pesquisador pernambucano Roberto de Lima Filho. Para ele, “algo que depende das leis do mercado, que é consumível e comercializável ao bel prazer de interesses particulares não pode ser tido como fundamental à dignidade da pessoa humana” (FILHO, 2005, 5). O autor reconhece que o senso comum acredita que Comunicação é um produto a ser consumido, pois “é como consumidor que a população é percebida pelos meios de comunicação de massa, isso quando não é o sujeito receptor da informação o próprio objeto, coisificado, com sua humanidade descaracterizada” (2005,5)

No Brasil, os conglomerados e o funcionamento da mídia ganham traços de monopólio. Esse apontamento é feito por Filho, quando afirma que não há direito à liberdade de expressão suficiente para “garantir a efetivação do acesso aos meios de comunicação pela maioria da população” (FILHO, 2005, 2). Ele chama atenção para o fato de que “37,5% da distribuição de concessões da mídia televisiva estão nas mãos do Partido da Frente Liberal – partido representante da extrema direita concentradora de propriedades e, portanto, de informações” (2005, 4).

No entanto, há uma iminência de se combater essa perspectiva por meio da auto-afirmação da Comunicação como um direito humano de todos. Em 1996, o Estatuto Social do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação previu, entre outras pautas, o fomento à democratização da comunicação e o incentivo “a máxima ampliação das condições de acesso

de todos os segmentos da sociedade à propriedade, posse e utilização dos meios de comunicação social;” (2005, 4-5).

A democratização da Comunicação é para o autor a premissa básica para a própria democracia da sociedade, já que “se não houver horizontalidade nas relações sociais, igual potencial de expor idéias, concordar, discordar, argumentar, não há democracia” (2005, 4-5). O pesquisador cita o socialista Rodolfo Cabral que afirma que “enquanto poucos falarem e muitos apenas ouvirem não vai haver democracia na comunicação, tampouco um Estado Democrático”. (2005, 5). Logo, essa seria a importância de “reconhecer a comunicação como um direito, assegurando sua essência pública, desconstruindo então a visão consumista propagada pelos grandes meios de comunicação” (2005, 5).

De acordo com Filho, “é preciso compreender a comunicação como um Direito Fundamental, portanto de função pública. Assim sendo, deve ser encarado não como um objeto, mas sim como uma face do exercício da Democracia acessível a todos e todas” (2005, 5). A solução para Moraes “se desejamos o livre fluxo de informações e conteúdos culturais” está em “revitalizar a sociedade civil e articular forças comunitárias para a ingente tarefa de propor alternativas concretas à mercantilização generalizada” (MORAES, 2003). Uma outra opção frente ao monopólio da mídia estaria no que os professores da Universidade de Brasília, Luiz Gonzaga Motta e Ubirajara da Silva chamaram de “retorno à cultura brasileira que emana de baixo para cima” (MOTTA e SILVA apud RAMOS, 1992, 36). Mas não se trata da cultura tomada como “conceito abstrato ou elitista, nem se confunde com o conceito falsamente integrador da cultura brasileira” (1992, 36). Para Motta e Silva “O compromisso de profissionais e teóricos da Comunicação deve ser com a cultura brasileira (...) que corresponde às classes que historicamente sempre estiveram subjugadas” (1992, 36).

5.5 - Organização e ação: horizontalidade dialógica

A política radical de esquerda, que se constitui geralmente por pensadores e grupos das diferentes tendências do Anarquismo, costuma negar a máxima maquiavélica de que “os fins justificam os meios”. Como afirma o jornalista inglês Nicolas Walter em seu livro *Sobre o Anarquismo* “os meios determinam os fins; os meios são o fim, na maioria dos casos. Podemos estar certos das ações que praticamos, mas não das suas consequências” (WALTER, 2000, 93). O que boa parte dos autores envolvidos com teoria anarquista e pensamento libertário em geral busca é uma coerência entre fins e meios, causas e consequências. Sendo

assim, a estrutura de organizações sociais desse tipo também costuma seguir essa lógica. Se o projeto é de uma sociedade mais igualitária e horizontal, não faria sentido, portanto, pensar e se organizar de maneira hierárquica e vertical.

A autogestão, administração de um organismo em regime de democracia direta pelos seus participantes costuma ser apontada por pensadores anarquistas como a forma genuína de organização libertária, já que “sem autogestão nas esferas econômica, ética e política, não será possível transformar os homens de objetos passivos em sujeitos ativos” (BOOKCHIN, 1999, 15). Outro conceito chave para entender esse tipo de organização é a Ação Direta, entendida como “uma forma de aceitar a responsabilidade com todas as conseqüências, sem delegá-la a um terceiro” (COSTA, 1985, 20). Ação Direta seria uma atitude madura “frente a um conceito de infantilismo pelo qual o qual o homem desiste de suas responsabilidades e a delega a outros, a seus representantes, abstendo-se de fazer e pensar por sua conta e risco” (1985, 20).

Ao contrário do que pode parecer, esse princípio, assim como o do *faça-você-mesmo*, ou *DIY*, do inglês *do it yourself*, não prima pelo individualismo pois ele é um participante consciente em uma unidade social, fazendo “o que ele tem de fazer ele mesmo, nunca como um indivíduo solitário” (1985, 20). A ética do faça-você-mesmo é concebida como princípio que questiona o suposto monopólio das técnicas por especialistas e “estimula a capacidade de pessoas não-especializadas aprenderem a realizar coisas além do que tradicionalmente julgam capazes” (Wikipédia, 2007). De acordo com a enciclopédia livre da internet, muitas das subculturas baseadas no DIY criticam explicitamente a cultura consumista que dá ênfase que a solução de nossas necessidades está no acúmulo de bens, em vez de encorajar as pessoas a tomar a tecnologia em suas próprias mãos.

O que não significa, entretanto, que eliminar as relações entre patrão e empregado implica caos e bagunça. Esse ponto é uma das primeiras esclarecimentos feitos por Caio Túlio Costa. O autor define que “por mais paradoxal que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem” (COSTA, 1985, 11). Para boa parte dos anarquistas, Anarquia significa *ausência de coerção*, e não *ausência de ordem*. Essas visões do senso comum sobre anarquismo, o que Caio Túlio Costa chama de “dois séculos de distorções acumuladas nas cabeças dos homens e alimentadas dia-a-dia” (1985, 11) estão mais próximos do que na verdade se denomina por “anomia”, ou seja, ausência de leis. Etimologicamente “a palavra *anarchos*, em grego, pode ser usada para definir a desordem na falta de um governo ou quando não existe a necessidade dele. Portanto, anarquia (...) quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores.

Somente”(1985, 12).

A necessidade de autogestão está expressa no texto de Murray Bookchin sobre municipalismo libertário, quando este afirma que “a democracia libertária só é concebível se assembleias populares, em todos os níveis mantiverem sob a maior vigilância escrupuloso controle os seus órgãos de coordenação” (BOOKCHIN, 1999, 17). Esse controle não precisa constituir necessariamente perda de liberdade, já que “desde tempos remotos que as comunidades utilizam peritos e administradores sem perda da sua liberdade” (1999, 17).

Da mesma maneira, pode-se pensar administrações guiadas menos pela burocracia e mais pela espontaneidade, sem com isso prejudicar o bom funcionamento. Bookchin acredita que “a espontaneidade não exclui nem a organização nem a estrutura. Pelo contrário, engendra habitualmente formas de organização não hierárquicas, autenticamente orgânicas, autocriadas, voluntárias” (1999, 61). O ideal de igualdade também não precisa ser raso e ignorar as diferenças entre as pessoas. Não se trata disso, pois “numa sociedade libertadora, a espontaneidade de uma criança não é igual à de um adolescente, nem a de um adolescente igual à de um adulto; cada um disporá de mais informação, saber e experiência que o seu antecessor” (1999, 61).

Também interessa ao autor de *Municipalismo Libertário* que os grupos ao redor das quais as pessoas se unam “constituam células integradas e descentralizadas, não deixando fora do seu campo de atuação qualquer aspecto da vida e da experiência” (1999, 70). Bookchin frisa a relevância das organizações como um “centro de experiência e de inovação, virado para a transformação da vida quotidiana e da consciência” (1999, 70). O escritor ainda define necessidade de que se articulem “grupos orgânicos, originados por desejos e problemas vivos, e não corpos estranhos que uma pequena elite edifica sobre a sociedade” (1999, 70).

A maneira autogestionária e horizontal de se pensar organismos de atuação humana parece se contrapor com o senso comum e com a tradição do pensamento no Ocidente, já que “o modo ocidental de percepção define tradicionalmente o *eu* em termos de antagonismo, no quadro de uma oposição entre indivíduos e objetos. O *eu* não é apenas uma pessoa que se distingue dos ‘outros’, mas também uma pessoa que se esforça por dominá-los” (1999, 74-75). Bookchin explica que “a relação indivíduo/objeto define a subjetividade como uma função de dominação dos objetos e redução dos outros sujeitos à classe de objetos” (1999, 74-75). A dominação acaba por definir o entendimento do próprio sujeito. “O *eu* ocidental, sobretudo

nas suas formas masculinas, é um eu de apropriação e de manipulação, quer na definição de si próprio, quer na sua definição das relações” (1999, 74-75). Para o escritor estadunidense a dominação impregna “quase universalmente o modo atual de apreensão da realidade” (1999, 74-75). Bookchin destaca que praticamente todas as tendências da civilização ocidental reforçam este modo de apreensão do mundo, “não só as correntes burguesa e judaico-cristã mas também a corrente marxista”. (1999, 75).

E Bookchin não pensa a quebra de hierarquia apenas nas estruturas externas aos indivíduos, de maneira que a sociedade hierárquica “não é apenas o modo de agir e de comunicar que está hierarquizado” (1999, 80). Para o escritor é importante pensar estratégias que rompam com a maneira de pensar hierarquicamente inclusive nas nossas sensações, desta maneira “o entendimento e a sensibilidade que aplicam princípios hierárquicos no seu trabalho de organização do enorme e diverso material fornecido pelos sentidos, pela memória, pelos valores, pelas paixões e pelos sentimentos” (1999, 80).

Ciente da importância de não replicar conceitos ou técnicas de forma impositiva, o educador Paulo Freire discutiu procedimentos pedagógicos que se aproveitam da *ação comunicativa* como alicerce. Em estudos sobre a atuação do agrônomo extensionista em zonas rurais, o pedagogo percebeu um problema epistemológico no termo extensão. Segundo ele, o agrônomo que tem verdadeira intenção de transformar a realidade local não pode simplesmente estender técnicas e impô-las no lugar de práticas menos eficazes, “na medida em que, no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta nele uma conotação indiscutivelmente mecanicista.” (FREIRE, 1977, 26).

Logo, qualquer ação que parta deste pressuposto de substituir conhecimentos, não reproduz uma ação dialética, mas ocorre com a “ingenuidade que se reflete nas situações educativas em que o conhecimento do mundo é tomado como algo que deve ser transferido e depositado nos educandos” (1977; 27-28). Por isto, o pedagogo reforça que, dentro de um processo de aprendizagem, aprende-se verdadeiramente “aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo” (1977, 28) .

Assim como no caso dos agrônomos, o debate com outras comunidades a respeito do servidor de rádio web, entendido como um tecnologia social, não se impõe por meio de um discurso ideológico unilateral necessário para as comunidades. Na verdade, os sentidos do uso da dessa

tecnologia se fortalecem nos momentos em que as comunidades questionam sua funcionalidade, propõem adequação e até mesmo a negação. O servidor, como um caminho para a democratização, não pode sobrepor visões, mas incitar o debate sobre o tema. Enquanto a democratização da Comunicação não é algo evidente muitas vezes pela ignorância ou o não entedimento sobre o assunto, o instrumento tecnológico proposto busca, a cada debate sobre o assunto, sustentar-se como mais uma prática cotidiana de transformação social dialógica que “para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico, é vivenciar o dialógico. Ser dialógico é não invadiar, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade” (1977, 43).

De acordo com Paulo Freire, existem aqueles que questionam como ser dialógico em torno de assuntos técnicos para pessoas que pouco ou nada sabem sobre a técnica discutida. Mas o educador rechaça tal afirmação, feita muitas vezes de forma categórica e subestimando a população, firmadas em uma inegável descrença no homem simples, o que consistiria em “uma subestimação do seu poder de refletir, de sua capacidade de assumir o papel verdadeiro de quem procura conhecer: o de sujeito desta procura” (1977, 44).

5.6 - Tecnologia e autonomia

A tecnologia parece se constituir como parte inrente da realidade e do cotidiano de quem vive no Ocidente nesse começo de século XXI. Murray Bookchin reconhece esse fato quando afirma que "numa sociedade como a nossa (...) a extrema especialização e complexidade tecnológica torna-se indispensável" (BOOKCHIN, 1999, 17). Assim como boa parte das esferas da vida nesse mundo do Capital, o controle da tecnologia se encontra aparentemente na mão de uma elite e parece possuir fins claros para a manutenção da ordem vigente. Resta saber e questionar se podemos usar a tecnologia para romper com as amarras ou se nós é que seremos sempre usados.

Assim, a "recente evolução tecnológica, social e cultural e seu desenvolvimento futuro poderão alterar a tradicional estrutura de classes criada pela revolução industrial" (1999, 55) e assim, redefinir o interesse geral daí resultante. Desta forma, "a tecnologia, ao ultrapassar a fase da raridade, torna possível estabelecer imediatamente o interesse geral, sobre as bases sólidas da abundância material para todos e da supressão do trabalho como maldição inerente à condição humana" (1999, 55).

Hakim Bey também acredita que a tecnologia pode um dia possibilitar a supressão do mundo da autoridade, quando um dia, "no futuro, essa mesma tecnologia – livre de todo controle político – pode tornar possível um mundo inteiro de zonas autônomas". (BEY, 1999, 12-13). Já em 1989, o autor escrevia sobre a internet como possibilidade de se criar Zonas Autônomas, já que "algumas dessas transferências (da internet) são privilégio e exclusividade de várias elites, o que lhes confere um aspecto hierárquico. Outras transações são abertas a todos – e deste modo a internet também possui um aspecto horizontal e não-hierárquico" (1999, 31). Ao mesmo tempo, o autor expande o conceito de rede para além do computador e da dependência tecnológica quando afirma que "nossa web não depende de nenhuma tecnologia de computação para existir" (1999, 35). Bey cita o boca-a-boca, os correios, a rede marginal de zines como suficientes para se construir uma rede de informação, de maneira que "a chave não é o tipo ou o nível da tecnologia envolvida, mas a abertura e a horizontalidade da estrutura"(1999, 35).

A discussão sobre tecnologia parece complexa e contraditória até mesmo dentro do pensamento de política radical de esquerda. Existe um debate da tecnologia versus anti-tecnologia que está presentes em boa parte das teses e teorias anarquistas. Usualmente "a tecnologia, em sua pureza, não é tratada como um mal em potencial pelos libertários" (Wikipedia, 2007) A tecnologia costuma ser "ferrenhamente combatida em seus moldes capitalistas, já que, sob eles, não possui nenhuma, ou quase nenhuma, função humana ou social" (2007). Por boa parte das correntes anarquistas, "a tecnologia é tida enquanto mais um instrumento de potencialidades humanas, podendo ter uma expressiva funcionalidade libertária"(2007). Porém, existe uma corrente de pensamento chamada anarco-primitivismo que defende a grosso modo a "aversão à qualquer forma de desenvolvimento tecnológico, advogando o retorno das condições pré-civilizatórias para um efetivo desenvolvimento humano" (2007).

Além das diferentes visões sobre tecnologia, há um certo impasse entre existência virtual versus real. Hakim Bey traz como resposta a esse impasse uma terceira possibilidade. O autor afirma que a TAZ concorda com os hackers pró-tecnologia porque deseja em parte ganhar a existência através da net. Ao mesmo tempo, também concorda com os partidários do ambientalismo "porque possui uma intensa percepção de si como corpo e sente nojo da cibergnose, a tentativa de transcender o corpo através da instantaneidade e da simulação". (BEY, 1999, 35). O que o escritor explica é que a TAZ tende a condenar a dicotomia entre

tecnologia e anti-tecnologia como um equívoco" como é um equívoco a maioria das dicotomias, onde opostos aparentes acabam se revelando falsificações ou mesmo alucinações provocadas pela semântica" (1999, 35). Hakim Bey explica que essa é uma maneira de dizer que o pensamento político que envolve a TAZ está interessado em "viver neste mundo, não na idéia de um mundo visionário (todo verde OU todo metal)" (1999, 35).

Escrito no final da década de 80, TAZ, já apontava para a rede mundial de computadores como um futuro espaço para o exercício de liberdades individuais, quando afirma que "muitos anarquistas e liberais mantêm uma grande esperança no PC [computador pessoal] como uma arma para a libertação e auto-libertação – mas não temos ainda nenhum ganho real, nenhuma liberdade paupável" (1999, 39) mas na seqüência, Hakim Bey afirma que "o pleno potencial de redes de informação não-hierárquicas aponta para o computador como seu instrumento por excelência" (1999, 42).

A importância do uso das novas tecnologias é tanta que o pesquisador Martin-Barbero alerta para uma possível homogenização nos países latino-americanos, colocando as comunidades envoltas de uma armadilha de uso da tecnologia para o consumo e que elas introduziram na América Latina a simultaneidade entre o tempo de sua produção nos países ricos e o tempo de seu consumo nos países pobres, já que "pela primeira vez, as máquinas não nos chegam de segunda mão. Porém, essa contemporaneidade está ocultando a não-contemporaneidade entre tecnologias e usos, entre objetos e práticas"(BARBERO, 2002, 179). Barbero explica que a relação temporal está nos produtos culturais consumidos no lugar, espaço social e pela cultura. De forma que "a imposição acelerada dessas tecnologias aprofunda o processo de esquizofrenia entre a máscara de modernização que a pressão dos interesses transnacionais realiza e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural" (2002, 179).

Entretanto, Barbero apresenta uma saída, analisando a contemporaneidade tecnológica por um olhar de construção da memória eletrônica dos povos. Nesse sentido, a tecnologia seria, em última instância, parte da cultura local já que "enquanto a lógica instrumental trabalha com informação pura e linearidade cumulativa, a memória cultural trabalha com acontecimentos e experiências e por isso só acumula aquilo que filtra, porque está culturalmente 'carregada'" (BARBERO, 2002, 186). Para o autor essa "não é a memória que podemos usar, mas aquela da qual estamos feitos, e que nada tem a ver com a nostalgia, pois sua função na vida de uma coletividade não é falar do passado mas dar continuidade ao processo de reconstrução permanente da identidade coletiva" (2002, 186).

Munidos do sentido de memória eletrônica, os usos da tecnologia significam formas reais de resistência para as comunidades. Como referencia Barbero, "o popular" descobre na tecnologia sua dinâmica, criatividade e conflitividade e contribui para a resistência das culturas populares contra a não-contemporaneidade imposta. O autor exemplifica uma situação em que o popular apropria-se das tecnologias como fator importante para certas mudanças em sua realidade.

O pesquisador descreve uma história no livro *Ofícios do Cartógrafo* (2004), relatada inicialmente pelo escritor Néstor García Canclini, que em um mercado de bairro pobre atendido por mulheres em Lima, existiam gravadores e outros equipamento de áudio normalmente utilizado pelo administrador do local para fazer publicidade. Algumas mulheres feirantes, com a colaboração de um grupo de comunicadores, aproveitaram os equipamentos para fazer entrevistas com as pessoas do bairro e outras pequenas ações. "Até que chegou a censura, na pessoa da religião que dirige as atividades 'sociais do bairro, que ridicularizou a ignorância e condenou a ousadia das mulheres que se atreviam a falar pelas alto-falantes". (BARBERO: 2002; 190 – 191). Segundo Barbero, no dia seguinte o grupo de mulheres mais ativas procurou os comunicadores e concordaram que não sabiam falar, dando razão em parte à líder religiosa, mas que poderiam aprender a falar. "Queremos fazê-lo, pois só os que sabem falar são os que têm direitos", conta Barbero, referindo-se a fala de uma dessas mulheres. Como consequência da determinação local, criou-se uma radionovela que tem reconstruído a história de como elas vieram à cidade, conforme relatos do próprio grupo.

5.6.1 – Tecnologia e transformação social

A tecnologia está presente nos diferentes campos da Comunicação, muito antes da técnica da escrita e do uso de canetas esferográficas como tecnologia que economiza tinta. Segundo a publicação *Desafio da sustentabilidade: tecnologia social no foco dos jornais brasileiros* (2006), produzido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), a tecnologia incorpora os valores das relações sociais. Por essa apropriação, a tecnologia ganha papel estratégico para a mudança. Contudo, a publicação também ressalta que as tecnologias acabam, muitas vezes, sendo concentradas por pequenos grupos, pois "em todo o globo, a maior parte do desenvolvimento tecnológico é capitaneada por uma parcela restrita da sociedade" (2006, 18). Além disso, os interesses nos usos da tecnologia também se aproximam de valores distantes do sentido de transformação social a partir da assimilação dos

valores, investindo em tecnologias convencionais que "não costumam ser revertidos para a solução de problemas concretos enfrentados por populações pobres, minorias políticas e vítimas de violações de direitos humanos" (2006, 16).

Entretanto, o entendimento do uso de tecnologia para fomentar mudanças sociais está em debate. De acordo com a publicação da ANDI, um dos conceitos mais utilizados no Brasil é o da Rede de Tecnologias Sociais – RTS que entende tecnologias sociais como "produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social" (ANDI: 2006, 42). Já a enciclopédia virtual *Wikipédia*, mantida de forma colaborativa, explica o termo tecnologia social seria "todo produto, método, processo ou técnica, criado para solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade (e reaplicabilidade) e impacto social comprovado" (WIKIPEDIA, 2007).

Normalmente, o termo tecnologia social é visto como qualquer prática pensada para a zona rural. Apesar de estar presente habitualmente no meio, por meio da criação de instrumentos para captação da água e melhoria do solo, o conceito vai além de uma ação específica de setores e não se limita a identificar processos que envolvem produtos e máquinas. (2006, 44). Outro aspecto importante a ser observado é a comum confusão entre o instrumento criado e a tecnologia social, pois "não se trata apenas de tecnologia de produção no sentido estrito, mas de formas inovadoras de organizar o uso dos recursos disponíveis a partir de iniciativas descentralizadas e participativas" (Ladislau Dowbor apud ANDI: 2006, 44). Dessa forma, é importante compreender o Projeto Dissonante também como uma experiência de tecnologia social devido a sua potencialidade replicadora à tentativa de aplicá-lo como uma ação transformadora para a sociedade. Para isso, criaram-se alguns instrumentos com o servidor, a cartilha, o vídeo e outros elementos que são peças livres no intuito de serem apropriadas em prol da transformação social.

Em uma ação contra-hegemônica aos valores convencionais, o uso da tecnologia para a democratização da Comunicação pode se apresentar como uma alternativa socialmente interessante. A idéia de tecnologia social discorre sobre ações que envolvem um papel ativo e colaborativo da comunidade com práticas capazes de solucionar problemas sociais. Ações estratégicas definidas dentro em uma disciplina de Comunicação Comunitária ou em reuniões de planejamento de um coletivo de rádio com princípios comunitários podem ser configurados como experiência de tecnologia social. A mesma se difere de simples

procedimentos técnicos ligados a inteligência artificial de mecanismos físicos (*hardwares*) ou programações combinadas (*softwares*). Antes disso, é mais uma prática social. Logo, a tecnologia social possui relevância dentro do cenário de funcionamento de rádios comunitárias, livres e *webs* que utilizam equipamentos tecnológicos de baixo custo e conseguem efetivar as práticas comunicativas.

5.7 - Mobilização dialógica e democratização

De acordo com os princípios do educador Paulo Freire, a proposta de um caminho tecnológico que contribua para a democratização da Comunicação passa antes pela compreensão de que a construção de qualquer prática ou tecnologia social para grupos de indivíduos deve ser elaborada em conjunto e de acordo com os interesses dos mesmos. O servidor de Rádio *web* como instrumento social não pretende seduzir a comunidade para uma "emergente" mudança social. Antes disso, quer dialogar com a realidade local e apresentar um meio de comunicação que pode ser útil dentro do dia-a-dia das comunidades, sem impor técnicas prontas, diferente de qualquer relação de manipulação, sedução, a mobilização em torno do servidor deve acontecer por meio do diálogo. Dessa maneira, "mobilização comunicativa é, portanto, aquela em que o mobilizador respeita o seu público, a sua audiência, os seus interlocutores, que são vistos como seres humanos, racionais e dotados de competência moral" (MARTINS, 1997, 31).

Martins define dois tipos possíveis mudanças sociais. Em uma delas, líderes, autoridades, ou pessoas carismáticas realizam a mudança. (carisma no sentido de criar simpatia aos outros com seus ideais) “feita a partir de outrem, de fora para dentro”(1997, 31). Outra possibilidade emerge do consenso entre as pessoas que participam e se sentem parte da iniciativa. Nesse caso, “todos os participantes consentiram e são guardiães dela” (1997, 31). Para Martins, esta última é, na verdade, a mudança legítima e também serve de referencial para o presente projeto.

Segundo o doutor em Filosofia e professor titular da Universidade Federal da Bahia Wilson Gomes, antes de se discutir a democratização da Comunicação sob o campo político, é preciso anteceder a análise à formação dos princípios do que seria a democratização de fato da Comunicação. Gomes afirma que há um problema de ação, quando se discute a questão, focando basicamente o debate como um problema a ser discutido e resolvido no campo da "arte política", no qual os envolvidos estariam mais preocupados em recorrer e municiar-se de

"de investigações e estudos outros apenas em função de cálculos de eficiência operacional no âmbito político" (GOMES, 1992, 2).

Para Gomes, a democratização da Comunicação precisa ser entendida, antes de tudo, pelos princípios éticos que a norteiam e a diferem de uma ação despótica. Enquanto o despotismo estaria caracterizado pela omissão de responsabilidade das próprias, não argumentar e "poder dizer e mandar ver" sem ouvir o contraditório, a comunicação democrática "seria o domínio da responsabilidade (em sentido literal), visibilidade e possibilidade argumentativa do contraditório". (1992, 4). A vontade de democratizar os meios de Comunicação ou de exercê-la democraticamente não acontece de forma natural e evidente. Ela precisa ser fruto do entendimento dialógico das comunidades e demais interessados, muitas vezes à margem do debate sobre o tema.

Gomes também ressalta que, ao senso comum, a democratização da Comunicação não se evidencia como uma ação taxativa de "é ou não é". Contudo, entende que ela parte da premissa que "deve-ser" porque traz benefícios éticos a exemplo do compromisso com a "coisa pública" e da "possibilidade argumentativa do contraditório." (1992, 5). Nessa linha, a Comunicação democrática do "deve-ser" é pertinente porque permite a pluralidade de opiniões, assim como o ato de democratizar perpassa por uma noção de que a "comunicação justa (boa, etc) é a comunicação democrática". Ainda de acordo com Gomes, a Comunicação democrática é compreendida pelo juízo de garantia de direitos, de "como as coisa deveriam ser ou estar" (1992, 3).

Por fim, segundo o autor, quando a comunidade tem compreensão acerca da real dimensão do exercício de uma Comunicação Democrática é que se pode partir para a busca de soluções aos problemas vigentes como os monopólios dos meios de Comunicação, de tal modo que a luta pela democratização no campo político teria enfim sentido e se faria necessária de forma legítima.

5.8 – Copyleft

Quando se fala de propriedade, surge a noção que alguém possui algum bem material. Nesse caso, outra pessoa não pode possuir, ao menos temporariamente, o objeto em questão. Se alguém anda de bicicleta, por exemplo, outra pessoa está privada de usá-la. Mas a relação com a propriedade intelectual é especial. Não há como impedir que indivíduos diferentes

usufruam textos, poemas, imagens e idéias ao mesmo tempo em que seus autores. Esse é a idéia de distribuição livre, o *copyleft*, utilizada por diversas organizações independentes como o Coletivo de Comunicação Social Intervozes e o Centro de Mídia Independente (CMI).

Segundo a política editorial do CMI, a propriedade intelectual foi criada como uma forma de incentivar, por meio de patentes e direitos autorais, as pessoas a continuarem produzindo músicas, textos e idéias. Mas ela acabou por se tornar mais uma maneira de grandes empresas e conglomerados da Indústria Cultural monopolizarem criações que não são suas. (CMI, 2006). É o caso da *AOL Time Warner*, que controla, por exemplo, o personagem Pernalonga. A empresa tem o direito de exploração exclusiva dessas obras, mesmo passados meio século do falecimento de seus autores. A *Warner* também possui os direitos da música “Parabéns para você” e recebe como pagamento aproximadamente dois milhões de dólares todo ano pelos *copyrights*. (2006).

O artigo do filósofo e autor do livro *Estamos Vencendo*, Pablo Ortellado tenta mostrar que a divulgação e a propagação de materiais por meio de direitos pagos acaba por restringir o acesso aos seus conteúdos. O texto explica que é nesse contexto que surge o *copyleft* como movimento que tenta reverter essa lógica. “O *copyleft* é uma subversão dos direitos autorais” (ORTELLADO, 2002). O filósofo acredita que em vez de restringir a divulgação, a nota de *copyleft* permite e mesmo “estimula a distribuição posterior de informações” (2002). O artigo ainda aponta que essa política de “deixar copiar” “faz parte de um movimento amplo de oposição aos direitos de propriedade intelectual” (2002).

Pablo Ortellado reconhece que a origem desse movimento é controversa, mas destaca um acontecimento fundamental para o seu surgimento, quando “no início dos anos 80, o programador Richard Stallman abandonou seu emprego por se sentir constrangido pelas restrições que impediam-no de aperfeiçoar programas comprados de empresas”. Stallman sentia que as licenças de direitos autorais restringiam liberdades do mundo da informática antes de ser dominado pelas grandes corporações. Stallman iniciou um movimento que produzisse programas livres. Esse sistema ficaria mais tarde conhecido como *Linux*.

O conceito de *copyleft* é aplicado na produção literária, científica, artística e jornalística já que “hoje o movimento pela livre circulação da cultura e do saber ampliou-se muito além do universo dos programadores” (2002). Entretanto, a garantia de se deixar copiar textos, imagens, vídeos ou outras produções não livra as pessoas de citarem a fonte e dizerem que

aquele texto é fruto de *copyleft*. A cópia parcial ou integral dos textos é, muitas vezes, interpretada como plágio. Para a lógica do *copyleft*, não seriam consideradas como plágio, já que a criação do conteúdo teve uma intenção de propagação. O ato de não citar a fonte, sim, entra em desacordo com o *copyleft* e pode ser enquadrado no atual código penal. *Art. 184 do código penal - "Violar direito autoral. Pena: "detenção, de três meses a um ano, ou multa."* De acordo com a lei, ao plagiar alguma informação, a pessoa assume, falsamente, os direitos dos argumentos copiados. Além disso, o momento em que não se deixa evidente a origem do texto, elimina-se também os ideais inseridos na discussão do *copyleft*.

5.9 - Rádio web

O conceito de Rádio *web* utilizado nesse projeto se baseia na pesquisa de informações predominantes na Internet e em estudos recentes sobre o assunto. Segundo a Enciclopédia virtual *Wikipédia*, que tem se difundindo como um promissor espaço de troca de informação colaborativa, “uma Rádio *web* não é radiodifusão e tampouco tem a recepção aberta e diversificada quanto a do rádio tradicional. Ela utiliza-se de características do rádio convencional e da internet, mas é um novo meio de comunicação, com suas peculiaridades, características, recursos tecnológicos e aplicações” (WIKIPÉDIA, 2006). O mesmo conceito é utilizado pela proposta de Rádio *web* da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), chamada de WebRádio Unesp Virtual. A instituição discute a concepção de Rádio *web* a partir da análise da evolução histórica da radiodifusão e da Internet (ANEXO J, 106).

Contudo, o pressuposto da *Wikipédia* não trata somente os aspectos técnicos e aprofunda a leitura sobre o termo a partir de sua capacidade de transformação. “A origem dessa mudança está na sua própria criação, quando os militares criaram uma rede de comunicação sem um núcleo central. Daí nasce uma rede de comunicação totalmente fora de controle de quem quer que seja” (2006). Outros autores também reforçam essa visão. É o caso da docente da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, Magaly Parreira do Prado. No artigo “Pesquisa sobre rádio na web como uma alternativa eficiente de comunicação”, a professora cita Barbero ao se referir que “com alguma simplicidade, cada pessoa ou entidade conectada na rede pode montar sua própria emissora. Não há mais um núcleo central. Cada um vai ser operador, programador, ideólogo e editor-chefe do conteúdo da rádio. A censura desaparece: nem o Estado, os anunciantes e a elite no poder podem impedir a transmissão de uma programação, seja ela musical, jornalística, política, religiosa ou de qualquer outro conteúdo

(BARBERO E LIMA apud PRADO: 2005, 1).

Apesar dos esforços em se compreender o funcionamento da Rádio *web*, o conceito comumente encontrado se baseia em entender a transposição do modelo convencional de rádio para web. Em vez disso, o conceito escolhido pelo projeto procura entender a rádio web como uma manifestação nova, ainda a ser mais bem estudada, do uso do espaço da cibercultura para a produção e veiculação de conteúdos de diferentes formas. Por cibercultura, entende-se um novo ambiente de expressões marcado “por noções de hipertextualidade, interatividade e transversalidade. Essas três características, observadas por Mike Sandbothe⁶, revelam uma articulação e remissão entre vários tipos de dados (som, escrita, imagem...) que se organizam em forma de hipertexto. Indicam, também, a participação interativa dos envolvidos nas diversas modalidades de produção e percepção” (MENEZES, 2006, 2).

De acordo com pesquisa apresentada no Congresso Brasileiro de Ciências da Informação (Intercom) de 2005, pesquisadores do Centro de Informática da Universidade Federal do Pará mostraram que a rádio web é um meio viável e barato. Os dados mostram que o sistema de transmissão conhecido como *streaming* favorece o uso de bandas pequenas de Internet para esse serviço, ao contrário do sistema tradicional de armazenamento e *download* do arquivo. A facilidade do *streaming* se dá devido a transmissão em tempo real de dados de forma contínua, decodificando os dados de áudio ao decorrer da transmissão. Um ponto importante a ser ressaltado é "que cada máquina que irá receber a transmissão da Rádio livre deverá ter capacidade de hardware mínima, no caso um 486DX4 100MHz com 64Mb de memória RAM, placa de som de 16 bits e uma conexão de no mínimo 33.6 kpbs são suficientes para que haja boa qualidade de recepção". (Portal, 2004)

Essa afirmação desmistifica as dificuldades da transmissão. Aliado à configuração mínima citada, o interessado (a) em rádio precisa também de um microfone comum e de acervo de áudio. Munido desses elementos, ele pode fazer uma transmissão tão eficaz como as de grandes modelos comerciais, considerando-se diferenças de perfil editorial e de alcance. Além disso, a rádio *web* se configura como alternativa para retransmitir programações de dois pontos distantes em relação ao alcance do transmissor da rádio. O esquema abaixo mostra uma possibilidade de uso da rádio.

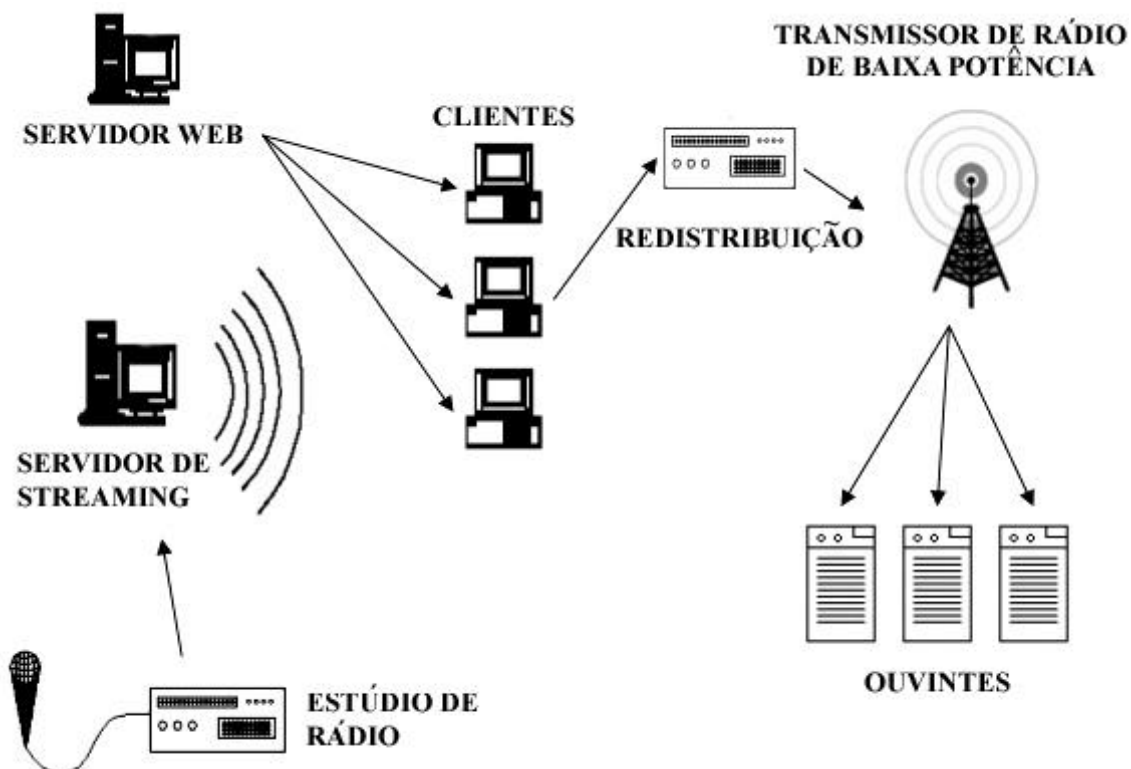


Figura 1 – Esquema de Rádio web (JUNIOR e BETINI e YAMAGUCHI: 2005, pág. 9)

6 - Procedimentos metodológicos

6.1 - Eixos de ação

O Projeto Dissonante pretende colaborar como um caminho livre de democratização da Comunicação. Para isso, o produto foi traçado metodologicamente em três eixos de ação principais, que norteiam as demais atividades. O primeiro eixo consiste na pesquisa, desenvolvimento e implementação de uma tecnologia social que corresponda aos objetivos e anseios do projeto. O servidor de Rádio *web* é entendido como essa tecnologia e tem a função de minimizar e até zerar custos com a transmissão de rádio pela internet por coletivos, organizações e pessoas interessadas em produzir conteúdos radiofônicos ou transmitir idéias pela Internet. Os computadores usados para o servidor utilizam a conexão da Universidade de Brasília e, dentro dos princípios de extensão universitária, fornece gratuitamente contas de Rádio *web*, chamados tecnicamente de pontos de montagem, para os interessados no projeto.

O segundo eixo busca aproveitar os conhecimentos técnicos e teóricos em produção multimídia apreendidos durante o Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, para criar elementos visuais e gráficos simples que desmistifiquem a criação e execução de

uma Rádio *web*, contribuindo para a quebra da relação de domínio dos meios de Comunicação na mão de poucos indivíduos. Assim como o subtítulo do Projeto *faça-rádio-web-você-mesmo*, a intenção desse eixo é mostrar como é viável e fácil fazer Rádio *web*, distanciando a realidade do discurso de necessidade de especialistas ou de domínio técnico. O processo de desmitificação não se refere somente aos procedimentos técnicos, mas sugere o debate e o exercício sobre direito do direito humano de se comunicar. Objetivamente, produziu-se uma cartilha, em preto e branco de fácil reprodução por fotocópia, e alguns vídeos-tutoriais na Internet, ensinando como fazer e configurar uma Rádio *web*.

O terceiro eixo abrange todo o processo de produção e debate sobre o Projeto, além de buscar e sugerir meios de como torná-lo sustentável sem perder as características iniciais de horizontalidade, ação direta e autonomia. Como fomentadora dessas discussões, traçamos algumas estratégias de Comunicação e de gerenciamento. Nesse sentido, elaborou-se um sítio, hospedado no endereço <http://www.dissonante.org> com textos, tutoriais, arquivos, e a lista de rádios participantes do projeto. Produziu-se também um release do Projeto para ser divulgado pela internet. Além disso, criou-se uma mala direta básica com endereços e *e-mails* de algumas rádios livres e comunitárias, universidades, coletivos e pessoas que podem ser elencadas como potencial público para o envio da primeira tiragem das cartilhas explicativas.

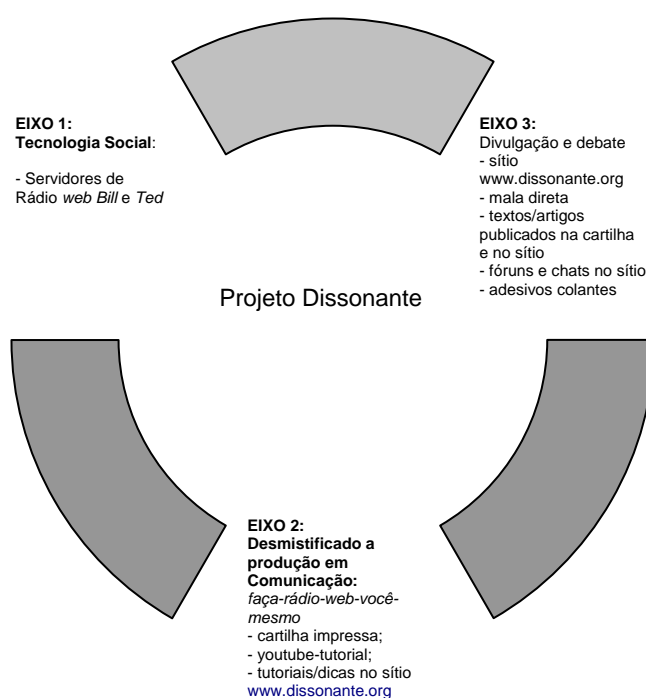


Figura 2 – Esquema com a divisão dos eixos (relação interdependente entre eles)

6.1.1 - Tecnologia social de democratização da Comunicação

A elaboração do Projeto surgiu da união de dois pré-projetos em Comunicação Social, habilitação jornalismo. Um deles tinha o interesse em se discutir como a tecnologia poderia ser usada no campo da Comunicação para transformar a realidade em volta. Já o outro projeto visava traçar um paralelo da Comunicação Comunitária como exercício de uma comunicação próxima aos pensamentos libertários. Com a fusão das duas idéias em um projeto final de conclusão de curso, escolheu-se proporcionar a indivíduos, coletivos e outras organizações sociais o acesso a uma tecnologia social para a produção de Rádio *web*, oferecendo aparatos teóricos e técnicos.

Tentou-se evitar a supervalorização dos discursos e procedimentos técnicos. Para isso, buscou-se primeiramente reforçar um arcabouço teórico sobre transformação social (Paulo Freire), tecnologia social (ANDI), Teoria Anarquista e Mobilização social e Comunicação Comunitária (Luiz Martins, e textos de Comunicação livre e ação direta em Micro-estruturas). Para viabilizar tecnologicamente o projeto, o produto foi baseado na filosofia de Softwares livres e da MetaReciclagem que buscam, entre outros aspectos, a quebra do domínio e das patentes do conhecimento técnico e de sua difusão para o maior número de pessoas.

Em seguida, tentamos algumas fontes de financiamento, apoio ou arrecadação. Desde dezembro de 2006 até a presente data, foram poucos retornos positivos em relação ao projeto. Mesmo assim, os apoios concretizados foram importantes e indispensáveis para a viabilidade do mesmo. Entre eles, destacou-se a colaboração de pessoas que não estavam ligadas a instituições, mas que cederam máquinas antigas em atitudes solidárias e sem exigência de contrapartidas ou então suporte e assessoria técnica, quando necessário.

6.1.2 - Apoios e parcerias

a) Instituto Marista (dezembro de 2006)

A primeira tentativa de apoio ao projeto aconteceu junto ao Programa de Apoio à Formação Educacional do Instituto Marista de Solidariedade, que “oferece bolsas de estudo de longa, média e curta duração para a educação formal, informal, de extensão universitária ou para pesquisas de interesse social relevante” (Item 5.5 do Projeto Político Pedagógico do IMS. ANEXO A, 74). Considerando a necessidade da aquisição de um computador para o

funcionamento do servidor, a proposta feita ao IMS se constituiu em uma bolsa mensal de R\$ 716,66, durante seis meses, como forma de financiar o período final de formatura em jornalismo. Com a aquisição gradual do valor, ter-se-ia no final de seis meses o montante de R\$ 4.299, valor que custearia a instalação de um servidor de boa configuração, além de bancar outras despesas, como transporte. Vale ressaltar que a bolsa é voltada para estudantes de classes baixas, perfil do estudante solicitante. No documento de solicitação de bolsa, argumentou-se o seguinte trecho:

“Esse projeto só tem sentido se pensarmos na motivação que me leva a instalar o servidor: existem servidores pagos – raros – que fazem serviços tecnicamente parecidos. Contudo, além de cobrarem, não atendem uma demanda social. Assim, meu interesse é possibilitar que esse servidor seja mais uma experiência na área de extensão da universidade, possibilitando que diversos atores sociais possam participar dos meios de Comunicação sem ter que pagar por isso e que tenham uma base de extensão da universidade (ANEXO A, 74)

No mesmo documento exigia-se uma contrapartida como forma de devolução em termos sociais o apoio dado pela ajuda sendo sugerido “desenvolver ações que tenham relação direta com o projeto, como oficinas de Rádio *web* e rádio comunitária” (74). De forma objetiva, era prometido ao Instituto um curso de Rádio *web* com duração de 36 horas para grupos sociais ligados ao Instituto Marista, que poderia se beneficiar do servidor instalado. Contudo, apesar do encaminhamento da documentação, não foi dada nenhuma resposta de interesse ou negativa. Vale ressaltar também que a negociação da bolsa estava sendo intermediada pelo Programa de Estágio da Agência de Notícias da ANDI perante o Instituto Marista de Solidariedade.

b) *Centro de Informática da UnB – CPD* (maio de 2007)

Para que se viabilizasse o funcionamento do servidor de rádio *web*, mostrou-se necessário o uso de uma conexão de banda larga acima dos padrões domésticos. Em tese, o servidor pode ser instalado de qualquer ponto que tenha Internet, seja em institutos ou domicílios. Contudo, a conexão é um fator que limita o número de acessos simultâneos. Para os objetivos do Projeto Dissonante escolheu-se tentar hospedar o computador com servidor de Rádio *web* dentro da estrutura física do Centro de Informática da UnB (CPD). Nas argumentações do memorando de solicitação (ANEXO C, 85)., explica-se que a escolha do local se dá “pelas

condições adequadas de condicionamento climático do computador e acesso à rede de Internet da UnB. Vale ressaltar que uma iniciativa similar (Projeto Radiolivres.org) já funciona com êxito há vários anos nos servidores de Universidade de Campinas”

A escolha de se colocar o servidor na universidade, dentro de uma estrutura apropriada e com ar condicionado, baseia-se nos princípios de Extensão, um dos pilares da universidade, e que deve ser vista como uma das prioridades da instituição, aliada à pesquisa e ensino. Por esse mesmo motivo e baseado nas possibilidades de democratização da Comunicação junto à diversas comunidades, além do projeto estar inserido no contexto de um Projeto de Comunicação Comunitária da UnB, que é desenvolvido por professores e estudantes da Faculdade de Comunicação, entendemos que a liberação de hospedagem do servidor no Centro seria uma contrapartida social da instituição.

Depois da solicitação formal, reunimos com um dos assessores que explicou a atual situação do Centro. Segundo ele, não há, até o momento, nenhuma política acadêmica de promoção e hospedagem de tecnologias para projetos acadêmicos seja de qualquer natureza. “Não existe direcionamento para hospedagem de servidores de rede ou de implantação de infra-estrutura de TIC [Tecnologia da Informação] que fazem parte de projeto de conclusão de curso”, apontou o diretor Ricardo Puttini no memorando 148 (ANEXO C, 85). Outra alegação feita pela assessoria do CPD é que a atual infra-estrutura não tem suporte para acomodar o serviço de Rádio *web*. Apesar disso, ainda em memorando, o CPD colocou-se ciente da “extrema importância do referido projeto de pesquisa para o desenvolvimento tecnológico”, e colocou-se “a inteira disposição para auxiliar a implantação e facilidades para que o servidor de Rádio *web* seja instalado no Departamento [de Comunicação]” (85).

Com a negativa do CPD, escolheu-se, então, hospedar um servidor no próprio estúdio da Rádio Ralacoco, onde a internet é compartilhada com as demais estruturas acadêmicas da FAC e demais estruturas acadêmicas da UnB. O local não possui condições ideais para o condicionamento climático do mesmo, porém atende à intenção de ser uma alternativa de local para a transmissão de várias contas de rádio *web*. Até o momento, depois da instalação, o servidor não apresentou nenhum problema estrutural em seu funcionamento. sem apresentar problemas estruturais de funcionamento.

c) *Casa Brasília-UnB/Ceilândia e CIFMC* (abril de 2007)

Antes de pleitear o espaço do Centro de Informática (CPD) da UnB, foram realizadas conversas com a coordenação do Projeto Casa Brasília – no Núcleo de Extensão da UnB em Ceilândia, que desenvolve ações de inclusão digital na periferia de Brasília, nas quais solicitou-se apoio ao Projeto Dissonante. O apoio seria uma estratégia interessante para os dois lados já que nas atividades de inclusão digital do Casa Brasília ocorrem cursos de Comunicação em vídeo e rádio popular, com enfoque na produção multimídia. A implementação de um servidor de Rádio *web* nas estruturas da UnB possibilitaria não só o desenvolvimento do projeto de pesquisa, como também um servidor de Rádio *web* para o Casa Brasília. Depois da proposta informal por e-mail (ANEXO D, 90), acertou-se que um dos computadores reciclados para o uso do servidor poderia ser instalado nas dependências do Centro Internacional de Física da Matéria Condensada com limite de 150kbps de transmissão. O computador instalado está sendo atualmente para testes de transmissão e de suporte ao Projeto. O mesmo servidor poderá ser usado futuramente para transmissões experimentais em vídeo.

d) *Finatec*

A Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC) tem por função promover o desenvolvimento tecnológico para a graduação e pós-graduação da UnB. Todo ano é aberto um edital de auxílio à pesquisa. Dentro desse edital, podem concorrer projetos de extensão ou de conclusão de curso. Com limite de financiamento até R\$ 1.500, o Projeto Dissonante organizou e enviou toda a documentação necessária, juntamente com orçamento de um computador para ser o servidor, e apresentou uma proposta de financiamento, dentro das regras previstas pelo edital (ANEXO E, 91). O Auxílio foi protocolado em nome do professor Murilo Ramos. Depois de um longo período de espera, a resposta oficial foi negativa com a justificativa que o projeto de pesquisa ‘não alcançou prioridade na comparação com outras solicitações’, enviada em carta ao professor orientador desse projeto.

e) *Colaborações solidárias*

Com as dificuldades de apoio institucional da Universidade depois de algumas tentativas, a implementação da tecnologia social discutida buscou se apoiar às redes informais de apoio como amigos, fóruns e contatos. Deve-se destacar a importância do envolvimento nem sempre intencional de pessoas em ações diretas e colaborativas. A primeira participação solidária se deu na montagem dos dois computadores. Ambos foram reciclados depois da

doação por duas estudantes de suas máquinas antigas. Os computadores tinham sido substituídos e estavam ociosos em suas origens.

Mas o conhecimento de reciclagem de computadores e do uso de softwares livres pelos integrantes permitiu o reaproveitamento do material doado. Como a tecnologia social do servidor exige poucos recursos, destaca-se o empreendimento financeiro por parte dos integrantes do projeto para realização do mesmo, colaborando com as despesas correntes que apareceram. O gasto total médio total do projeto foi de aproximadamente mil reais.

6.1.3 - Servidores Bill e Ted

As contribuições solidárias permitiram que o próximo passo do projeto pudesse se colocado em prática: a configuração dos computadores. A instalação dos mesmos foi realizada, utilizando *softwares* livres. Os dois *PCs* foram batizados com os nomes de Bill e Ted, referência ao filme *Bill e Ted Bogus Journey (1991)*, onde dois jovens viajam pelo tempo em busca de especialistas para combater robôs que querem tomar suas identidades. O filme, exibido frequentemente na década de 90 durante sessões vespertinas de tevê, faz relações interessantes, mesmo superficiais, sobre a reutilização de equipamentos. No vídeo, um dos personagens do filme chega a montar dois robôs a partir de peças de uma loja de departamento, usando desde utensílios do lar até ferramentas de uso geral.

Apesar da proximidade em alguns pontos do filme com as intenções de MetaReciclagem desse projeto, a escolha dos nomes se deu apenas de forma lúdica para que se pudesse identificar facilmente as duas máquinas facilmente na Internet. Um usuário com conta de Rádio *web* pode estar usando o Servidor Bill, endereçado por bill.dissonante.org ou o ted.dissonante.org. Os dois computadores ficam ligados 24 horas seguidas e podem ser acessados remotamente de outro computador.

a) Registro Técnico

Configuração do servidor Bill:

CPU Pentium III, 384 mb de RAM, HD de 20GB.

Sistema operacional: Linux

Distribuição: Ubuntu Server Edition 7.04

Software livre usado como servidor: Icecast 2 (open source – código aberto)

Se fosse comprado nos classificados de jornais, o computador usado custaria entre R\$ 600 a 800.

Configuração do servidor Ted:

CPU AMD K6 , 256 de RAM, HD de 10GB.

Sistema operacional: Linux

Distribuição: Debian Basic

Software livre usado como servidor: Icecast 2 (open source – código aberto)

Se fosse comprado nos classificados de jornais, o computador usado custaria entre R\$ 200 a 400

6.1.4 - Gerenciamento da tecnologia

O projeto Dissonante se configura como uma alternativa contínua de democratização da Comunicação. Dentro do período médio para a elaboração de um projeto final de seis meses, precisou-se pensar em longevidade da proposta, entendendo que os elaboradores do mesmo necessitariam de auxílio para gerenciar os servidores, devido às diversas complicações de tempo. Além disso, o projeto surge dentro das atividades da Rádio Ralacoco e o seu gerenciamento pelo coletivo serve como forma de expandir a idéia do projeto para mais pessoas. Dessa forma, o coletivo não só participa do gerenciamento, mas promove discussões em volta dessa tecnologia e seu uso para a democratização da Comunicação. Depois da reunião anual de planejamento, o Projeto Dissonante foi apresentado oficialmente a novos membros do coletivo da Rádio em maio do mesmo ano. Na busca de co-autores para o projeto, entende-se também que o Projeto Dissonante está apto a colaborar com as demandas do Projeto de Comunicação Comunitária da UnB, integrado por estudantes, pesquisadores e professores da Faculdade de Comunicação responsável pelo contato e ação de estudantes junto à comunidade e vice-versa.

6.1.5 – Cronograma de implementação do servidor

- Busca de financiamento e apoios (de dezembro de 2006 a maio de 2007)
- Pesquisa sobre servidor de rádio (de dezembro de 2006 a janeiro de 2007)

- Configuração das máquinas Bill e Ted (abril 2007)
- Instalação no estúdio da Ralacoco e CIFMC (maio de 2007)
- Configurações e testes (de maio a junho de 2007)

6.1.6 - Alcance e suporte

Os dois servidores implementados inicialmente pelo projeto podem atender um número de contas ilimitadas, mas possui limitações na quantidade de ouvintes. Não é possível traçar um número exato de acessos simultâneos já que depende da configuração de cada Rádio *web* e da situação da rede da UnB, que costuma oscilar a qualidade de transmissão. Mas apenas para efeito de comparação, o servidor Ted, que tem taxa limitada de 150kbps poderia atender 6 ouvintes de rádio, sendo a taxa de transmissão da rádio a 24kbps. Ou então, fazer transmissão em qualidade alta de vídeo ou rádio para estúdios de rádio, sem perdas significativas na qualidade do som.

Já em um pequeno teste durante o dia 05 do mês de junho, o servidor Bill, que usa a rede compartilhada da Universidade, utilizou uma banda de 800 kbps , permitindo que mais de 30 ouvintes pudessem se conectar ao servidor. Contudo, o número não se aproxima da capacidade real da rede da UnB. Esta somente será colocada em prova durante o desenrolar do projeto e o surgimento de mais interessados. A assessoria do Centro de Informática da UnB informou que parcerias futuras da instituição com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) podem melhor substancialmente a infra-estrutura de conexão de toda a universidade, minimizando as preocupação com os limites de ouvintes.

6.2 - Desmistificando a produção em Comunicação

O segundo eixo do Projeto propõe desmistificar a produção em Comunicação por meio da Rádio *web*. Dentro dessa estratégia, produziu-se uma cartilha explicativa que fosse facilmente copiada e distribuída entre os interessados em participar do projeto. Outra ação dentro desse eixo foi a elaboração de três vídeos-tutoriais para serem publicados no sítio www.youtube.com/projetodissonante — portal de vídeos popular na Internet, sendo o primeiro deles uma abertura explicativa de como é simples fazer Rádio web. Os dois últimos vídeos são tutoriais técnicos de como configurar os programas para transmissão no sistema

operacional Linux e Windows.

6.2.1 – Cartilha

Compreendendo a necessidade de se mostrar as facilidades de produção por meio de uma linguagem fácil e acessível a maioria do público alvo (ver tópico 4), decidiu-se pela elaboração de um guia sobre como fazer rádio web. Entre as principais preocupações do material informativo é que ele se diferenciasse de um simples manual técnico. Para que fosse atrativo, definiu-se um projeto editorial diferenciado para o mesmo:

Formato: zine eletrônico.

Segundo artigo de Luciano Dantas publicado, no sítio <http://zi-ne.com/sobre-a-zine>, os zines

“são publicação alternativas e independentes feitas geralmente em folha de papel A4. Se utilizam de colagens, desenhos feitos à mão e de muita criatividade para criar o formato desejado; é comum possuírem uma aparência poluída (...) Aliás, essa liberdade de escolha de temas e a forma como os mesmos são tratados é uma das várias características que diferem um zine de uma publicação normal. São distribuídos gratuitamente e no máximo é pedida uma contribuição voluntária para ajudar nas cópias do original” (Dantas: 2007)

A escolha do formato se deram basicamente pelo interesse na estética artesanal do produto, na quebra de padrões e na facilidade de reprodução. Devido às limitações artísticas dos integrantes, deu-se preferência um modelo híbrido de zine, produzido graficamente em programas de computador e, posteriormente, impresso em folhas simples.

Conteúdo:

A cartilha foi dividida em dois momentos: *faça-rádio-web-você-mesmo*, com a abordagem técnica do assunto e o momento *Um convite para Pensar*, espaço voltada para divulgação de textos e explicação do projeto.

Páginas:

Pág 1: *Capa,*

- logo do Projeto e da Ralacoco
- Título: Guia de Como Montar Rádio web
- Fotomontagem realizada por:
- objetivo da imagem:

Pág 2: *O projeto*

- explicação e convite para participar do Projeto Dissonante

Pág 3: *Sumário e frase de efeito*

- indicação das páginas em dois blocos:

Faça-rádio-web-você-mesmo e Um convite para pensar

Pág 4: *Comunicação e Cotidiano (Um convite para pensar)*

- Texto sobre como a Comunicação está presente no dia-a-dia.

Pág 5: *Como montar uma rádio web*

- Explicação inicial do que é uma Rádio web e possibilidades de uso

Pág 6 e 7: *Requisitos Mínimos*

- listagem de recursos materiais mínimos necessários para o funcionamento de uma Rádio web.

Pág 8 a 12 : *Configurando os programas no Linux e no Windows*

- texto mostrando as etapas de instalação no Linux (programas Darksnow/Darkice) e

no Windows (programa Oddcast)

Pág 13: *Testando a transmissão e Alô, Som?*

- Passos para testar se a transmissão está funcionando.
- Dicas para caso a transmissão funcione, mas não saia nenhum som

Pág 14: *Deu rolo, e agora? e Leve a Rádio com você*

- Tópicos com possíveis erros e
- Divulgação de um espaço no sítio do Projeto, onde a pessoa pode salvar os programas previamente instalados em uma mídia digital.

Pág 15: *A Rádio Coletiva*

- Texto convidando os interessados em participarem de uma rádio gerenciada virtualmente

Pág 16: *Tecnologia, Pessoas e o SAC*

- Texto sobre a relação entre a Tecnologia e as pessoas

Pág 17: *Para viver alguns sonhos*

- Texto sobre como as pessoas podem intervir na sociedade globalmente, agindo em microestruturas de organização social

Pág 18: *Ralacoco & Comunicação Comunitária e Radiolive.org*

- Apresentação da Rádio Ralacoco e da disciplina Comunicação Comunitária
- Apresentação do portal Radiolive.org, redigida por Rafael Diniz, membro do coletivo que gere o portal e criador do programa Darksnow, usado para a transmissão de rádio web.

Pág 19: *Origem; Conceito Dissonante e Copyleft*

- História sobre origem do Projeto
- Explicação do nome Dissonante
- e filosofia de reprodução da cartilha

Pág 20: *Política de uso e Quem Fez*

- Créditos de produção e políticas de uso do projeto.

Padrões:

Para que se criasse uma unidade, foram definidos alguns padrões para todas as páginas:

Moldura: acompanha todas as páginas e possui traços não uniformes

Alinhamento: o projeto gráfico desse *zine* optou por respeitar os alinhamentos entre figura e texto, considerando-se cada página uma possibilidade de alinhamento diferente.

Exemplo:

Página 5: texto alinhado à esquerda para acompanhar a imagem do computador

Página 19: texto alinhado à esquerda para acompanhar os contornos da imagem do trovador e seu violão.

Fonte do título: *Edo*, sem serifa,

Fonte do texto: *Teen*, sem serifa

Fonte de frases de efeito: *reprobate*, sem serifa

Corpo da fonte: da capa a página 14 escolheu-se trabalhar com corpo 10 para a fonte teen, considerando um tamanho bom para a leitura dos temas técnicos. Da página 15 em diante, optou-se por privilegiar o conteúdo dos textos.

Palavras: optou-se por não colocar as palavras de origem estrangeiras em inglês. Essa escolha é oriunda de alguns testes que comprovaram uma dificuldade de leitura das mesmas. A palavra Rádio *web* foi usada com a primeira letra maiúscula e a segunda minúscula. Depois de uma pesquisa no sítio de buscas *google*, constatou-se que 1.220.000 resultados remetiam ao termo Rádio-web. Já Rádio online teve 2.070.000 resultados. Apesar do número ser maior, o termo Rádio online pode confundir o leitor por se referir tanto ao *status* de estar funcionando ou ao conceito de mais um meio para se fazer Rádio. Nossa escolha foi deixar evidente o conceito Rádio pela Internet, utilizando o termo Rádio web.

Carimbo: para criar distinções entre os dois blocos de informação da cartilha – *faça-rádio-web-você-mesmo* e *Um convite para pensar* – foram escolhidas duas imagens para simbolizar cada parte. Essas figuras acompanharam todas as páginas da cartilha.



Figura 3 – seção um convite para pensar



Figura 4 – seção faça-rádio-web-você-mesmo

Ilustrações: as imagens contidas na cartilha foram retiradas do sítio www.drooker.com, do desenhista Eric Drooker e do sítio www.radicalgraphics.org, um arquivo virtual de imagens de cunho libertário. Elas estão de acordo com a política de uso das imagens, que resguarda o direito do autor e permite a reprodução impressa das figuras para grupos ativistas e progressistas, desde que citado a origem.



Figura 5 – Políticas de uso do desenhista Eric Drooker

Tamanho e disposição:

As folhas usadas para a cartilha estão em tamanho A4. Cada página possui o formato de A5 e foram montadas em frente-e-verso como se fossem um livreto.

Pré-teste

Para a impressão da cartilha, foram realizadas quatro mesas de revisão e dois pré-testes. Um deles realizado pelo estudante Jairo Farias, membro do coletivo da Ralacoco e usuário do sistema operacional *Windows*. Outra participante do pré-teste foi a colaboradora Simone Borges, membro da OnG Forno de Cultura, e usuária de *Linux*, distribuição *Ubuntu*. Com os retornos dados, os integrantes do projeto avaliaram as sugestões e acataram boa parte das mesmas.

A cartilha também foi entregue previamente para a publicitária e pesquisadora Juliana Mendes para análise e sugestões de diagramação e correção. Os principais pontos foram modificados, deixando de lado apenas alguns padrões de alinhamentos mais formais, tendo

em vista o propósito da cartilha.

Referências

A maioria dos *zines* pesquisados trabalha com a colagem de imagens e trechos. A liberdade de criação em um zine aumenta a variedade de estilos. Nesse trabalho, estão anexados dois modelos de zines produzidos pela Rádio N'ÁTIVA e Rádio Muda respectivamente (ANEXO F e G, 99-100), que atuam como rádios livres.

Tiragem

Em levantamento prévio de interessados, decidiu-se pela impressão de 200 cópias iniciais feitas em uma fotocopiadora normal. Cinquenta cópias foram enviadas pelo correio para algumas entidades e coletivos pré-selecionados. As demais cartilhas serão distribuídas durante eventos, contatos ou demandas por e-mail.

6.2.2 – Vídeo-tutorial

A escolha de se produzir um vídeo-tutorial surgiu depois de se avaliar que a explicação técnica de como fazer uma Rádio web poderia ser melhor entendida se houvesse um exemplo dinâmico. Nesse sentido e dentro da filosofia “DIY”, elaborou-se uma série com três vídeos simples, explicando os passos básicos de configuração. O principal deles é a introdução, onde aparecem os integrantes do projeto, explicando como montar uma Rádio *web*. Os seguintes são tutoriais de como configurar cada programa dependendo de seu sistema operacional (Linux ou Windows).



Figura 6 - imagem do sítio do *youtube* com o vídeo-tutorial principal

O youtube.com é hoje um dos sítios de compartilhamento de vídeos mais visitados da Internet e se torna um campo interessante de divulgação com alcance global. Somente no primeiro dia de postagem do vídeo, cerca de 30 acessos foram registrados. Os vídeos se encontram no endereço www.youtube.com/projetodissonante.

O vídeo se ambientou-se como uma produção caseira. Para isso, usou-se o quarto de um dos integrantes como cenário e uma câmera simples e um computador com programa de edição. A produção, filmagem e edição duraram 8 horas seguidas. O formato em preto e branco foi escolhido por manter a unidade estética com o sítio e a cartilha.

Ficha técnica:

Faça-rádio-web-você-mesmo

Direção e Produção: Leyberson Pedrosa e Pedro Arcanjo

Duração: 3m41s

Sinopse: Tutorial em PB com os primeiros passos para se fazer uma rádio web.

Filmado e editado durante 8 horas seguidas, usando apenas um quarto como cenário e estúdio.

6.3 - Divulgação e debate

Os dois primeiros eixos trabalham com produtos que precisam ser veiculados e redistribuídos. Por isso, criou-se também uma estapa diferenciada de divulgação do material dos outros processos e de criação de uma identidade do projeto. Pensou-se, então, na elaboração de um sítio que agregasse não só as informações sobre o projeto, mas textos e tutoriais diversos, e que também divulgasse as rádios participantes do projeto. Nesse espaço de apresentação, o internauta encontra todos os subsídios relacionados aos eixos do projeto. Não obstante, criou-se também uma mala direta com endereços e e-mails para distribuição gratuita do material. Por fim, foram impressos adesivos colantes com a logo do projeto para serem distribuídos em conjunto com as cartilhas.

6.3.1 - Sítio www.dissonante.org

O projeto editorial e gráfico do sítio seguiram a linha de todo o projeto. Mantiveram-se as cores preto e branco, além de um aspecto artesanal, próximo ao *zine*. Ao acessar o domínio www.dissonante.org, o leitor se depara com os seguintes campos

- Página de entrada

Ao passar o mouse sobre a figura, uma música começa a tocar. Ao clicar, ele acessa a página principal. Abaixo, no lugar do trecho “Julho de 2007”, estará escrito a palavra entrar. Na linha inferior, depois da moldura, os visitantes podem acessar os dois servidores do projeto sem necessidade de entrar o sítio principal, caso queiram conferir alguma rádio *online* imediatamente.



Figura 7 – Página de entrada do sítio www.dissonante.org

Página principal

na parte interna do sítio, o leitor encontrará os seguintes botões:

- O Projeto

informações principais sobre o Projeto Dissonante, origem e colaboradores.

- Faça Parte

campo para preenchimento de um formulário de inscrição no projeto. Depois de preenchido, os interessados enviarão uma solicitação ao Projeto para abertura de uma conta de rádio web.

- Rádios

Listagem e breve descrição das rádios participantes do projeto

- Rádio Coletiva

Espaço experimental no qual os interessados podem contribuir com uma programação

totalmente virtual.

- *Textos*

Campo destinado a textos autorais ou de outras pessoas sobre temas próximos ao Projeto, desde artigos e tutoriais a dicas técnicas.

- *Rádios Online*

Espaço visível com todas as rádios online no momento

- *Notícias*

Na mesa, logo abaixo da figura do rádio, surgirão novas notícias sobre o projeto e um link para ler mais.

- *Downloads*

Dentro do campo, existem *links* de pacotes e arquivos para transmissão de rádio *web*, arquivos prontos para serem gravados em qualquer mídia, a cartilha em *pdf* e outros

- *Links*

Domínios de sítios indicados

- *Contatos*

Formulário para entrar em contato com os gerenciadores do Projeto.



Figura 8 - Imagem interna do sítio principal

O gerenciamento do sítio pode ser feito de forma dinâmica, alterando apenas o texto sem modificar o código html, graças a implementação de código de programação PHP.

6.3.2 -Mala direta de endereços e e-mails e tiragem

O Projeto levantou mais de 30 contatos de rádios, coletivos e outros possíveis interessados no Projeto para encaminhar, via Correios, cartilhas impressas juntamente com um adesivo e um release do projeto. A tiragem inicial de 200 cópias pretende atender aos primeiros seis meses do projeto ou até durar a demanda. Vários outros contatos também foram listados e receberão, por e-mail, o release do projeto, juntamente com *links* para o sítio, a cartilha e o vídeo no youtube. (Anexo H, 101)

6.3.3 – Texto de divulgação (Release)

O texto de divulgação consiste em recurso simples bastante utilizado na Internet. Toda vez que houver demanda, será enviado uma página html igual a folha de rosto do sítio www.dissonante.org com notícias dentro da moldura. O primeiro envio consiste no texto de apresentação do Projeto, conforme imagem abaixo.



Figura 9 – release do projeto para ser mandado por e-mail, usando código html.

6.3.4 – Adesivos de divulgação

Foram produzidos 500 adesivos no tamanho de um cartão de visita 10x5cm para que fossem entregues juntamente com a cartilha ou durante contatos. O adesivo serve como uma espécie de cartão de visitas e é um atrativo a mais para a divulgação e informação do sítio e do nome do Projeto.



Figura 10 - imagem do adesivo colante com a logo do projeto

6.3.5 - Público Alvo e Política de Uso

Entendendo o exercício da Comunicação como um direito de qualquer pessoa, o projeto é

voltado para todas os indivíduos, coletivos, organizações sociais, projetos e instituições sociais interessados em fazer Rádio *web*. Contudo, dentro das discussões apresentadas no referencial teórico, o projeto não pode ser apropriado para fins comerciais ou para exercício de práticas opressoras, monopolizadoras, excludentes ou de benefício comercial. De forma a assegurar essas premissas, o Projeto Dissonante se baseou nas políticas de uso do sítio www.estudiolivre.org, espaço criado para incentivar e desenvolver produtos multimídia em software livre e chegou ao seguinte texto, publicado na última página da cartilha. Abaixo a transcrição das políticas de uso do Projeto Dissonante, publicada na cartilha.

“Política de Uso - Ao usar a estrutura do Projeto Dissonante, os grupos ou pessoas interessadas concordam em ser livres com as seguintes responsabilidades:

I - respeitar os direitos humanos

a) respeitar sempre a liberdade de opinião, credo, crença e a diversidade política, étnica e religiosa;

b) zelar pela diversidade cultural e regional, sem cercear nenhum tipo de expressão;

c) não disseminar nenhum conteúdo ofensivo de caráter homofóbico, sexista, racista, ou discriminatório em qualquer espécie.

I *I - ter responsabilidade social*

a) responder pelos seus atos de acordo com o item I

b) ter clareza que é responsável pelo que expressa.

III *- por parte do Projeto Dissonante*

O Projeto não é responsável pela quebra dos itens acima e estimula a ação coletiva entre indivíduos e grupos para filtrar e excluir possíveis desrespeitos a esse acordo mútuo. Em caso de problemas, envie e-mail para projetodissonante@gmail.com.”

Destaca-se o item II sobre responsabilidade social. Quando se discute exercício livre, é imprescindível não se esquecer da responsabilidade dos atos.

6.3.6 - Rádio Coletiva

O Projeto Dissonante não foi concebido somente como um espaço livre na internet apenas

para coletivos e organizações sociais já estabelecidas. Indivíduos com vontade de fazer rádio também podem participar da iniciativa, utilizando o espaço da Rádio Coletiva. Essa estratégia visa permitir que diferentes pessoas de diferentes lugares possam contribuir para a construção de uma programação livre e alternativa. O funcionamento desse espaço se baseia em uma grade horária dividida em blocos de meia hora, no mínimo, distribuídos durante as 24h diárias. O interessado deve acessar www.dissonante.org, clicar no item Rádio Coletiva, localizado no menu superior do sítio. Depois de preencher um pequeno cadastro, o participante deverá falar um pouco sobre quem é e qual programa gostaria de fazer. Além disso, ele poderá selecionar um dos horários disponíveis. O limite mínimo de programação é de meia-hora e o máximo é de 2 horas, sendo que a escolha deverá levar em conta múltiplos de 30 minutos (30, 60, 90, 120 minutos). Depois disso, será enviado um e-mail com os detalhes de instalação dos programas, contidos na proposta do segundo eixo do projeto denominada Desmitificando a Produção.

Dessa forma, toda vez que o inscrito estiver dentro do horário escolhido, ele poderá transmitir sua programação livremente, respeitando apenas a Política de uso do Projeto. O sistema implementado impede que ele transmita na Rádio Coletiva fora do horário escolhido. Caso um programador se ausente, o programa está configurado para reproduzir aleatoriamente rádios livres online dentro do sítio do projeto.

Como forma de gestão, os participantes são incentivados a participar de um fórum e de encontro virtuais da rádio, este último programado para acontecer de quinzenalmente. A intenção do projeto é colocar ao longo do tempo, o exercício de uma rádio independente e totalmente virtual com quadro de horários, programação fixa, reuniões de planejamento, compondo a realidade de boa parte do funcionamento das rádios livres. A gestão da Rádio acontecerá de forma horizontal, minimizando as distâncias e dificuldades de tempo para a participação física em estúdios. Nesse sentido, entendemos a rádio coletiva como uma maneira de utilizar a tecnologia para diminuir e até mesmo romper quaisquer tipos de fronteira. A premissa que tange a Rádio Coletiva é que se em diversos momentos o conhecimento foi historicamente utilizado para separar pessoas, poderá ser usado para aproximá-las. Logo, compreende-se também que uma comunidade não é apenas um espaço físico e o uso autônomo da internet pode ser um caminho para encurtar as distâncias e alargar as afinidades.

6.4 – Orçamento

Os principais gastos com o Projeto foram desembolsados autores, depois de algumas tentativas de apoio financeiro que tiveram respostas negativas. Ressalta-se que o custo do Projeto poderia ter sido maior, se não fosse a colaboração espontânea de pessoas, que doaram material ou serviços. Contudo, mesmo se fosse custeado integralmente, ainda se configuraria como uma tecnologia de implementação relativamente barata, se comparada aos grandes orçamentos para Políticas Públicas ou outras ações sociais de governos ou entidades privadas.

6.4.1 - Tabela de Gastos

Descrição	Data	Objetivo	Valor (R\$)
Passagem de ida e volta de avião entre Brasília e Recife (PE)	9,10 e 11 de outubro de 2006	Participar do IV Encontro de Rádios Livres	390,00
- Fonte de energia nova:		Configuração do Servidor de rádio	20,00
- Bateria para placa mãe:		Configuração do Servidor de rádio	3,00
- Registro de domínio:		Hospedagem do sítio	27,90
- Parafusos, cadeado, macanetas para a cabine:		Criação de uma cabine de proteção para o computador	22,00
- Nobreak:		Configuração do Servidor de rádio	167,40
- HuB:		Configuração do Servidor de rádio	45,00
- Cooler para o Ted:		Configuração do Servidor	15,00

	de rádio	
Adesivos (plotter) para identificar o servidor Bill	Identificação visual	20,00
Impressão rápida da cartilha para correção	Correções da cartilha	20,00
Fotocópias de 200 cartilhas	divulgação	120,00
Tiragem de 500 adesivos colantes	Divulgação	110,00
Impressão dos memoriais (6 cópias)	banca	36,00
total		996,3

7 – Conclusões

O último passo desse projeto é apenas o primeiro do Projeto Dissonante. A implementação do sítio, a diagramação da cartilha, a construção do servidor e a produção de vídeos-tutoriais servem de base para que o trabalho comece a funcionar de maneira independente da realização de um trabalho de conclusão de curso. Dessa forma, a primeira conclusão acerca desse projeto é que uma avaliação mais completa dos dias de esforços iniciais para implementação do Dissonante necessita de um período de experimentação. Logo, com o fim dessa primeira etapa, começa a fase de divulgação e funcionamento do projeto. A distribuição das cartilhas, veiculação de *releases* e divulgação do sítio serão ações que tornarão o Projeto Dissonante mais real e concreto. A partir de agora, as portas do projeto estão abertas a participação e intervenção de todas as pessoas interessadas, o que permite, inclusive, uma maior autonomia no funcionamento e na continuidade do trabalho.

A gestão do Projeto Dissonante não fica sob a tutela dos dois responsáveis por esse trabalho final, ela se torna parte do cotidiano da Rádio Ralacoco. Essa escolha tem como objetivo munir um coletivo da capacidade de gerenciamento e transformação do projeto, não criando assim relações personalistas com o produto. Essa foi uma preocupação em toda a elaboração do trabalho e que torna ainda mais importante um período para que o próprio funcionamento do Projeto Dissonante revele quais reais os acertos e também os erros em sua confecção.

Durante a realização do trabalho, uma das principais dificuldades encontradas foi a de conseguir apoios institucionais para a realização do mesmo. Desde o final do ano passado aconteceram as primeiras tentativas de apoio para o projeto. Apesar de diversos esforços, conforme relatado nos procedimentos metodológicos, não houve apoio formal de órgãos e instituições de fomentos, criadas para subsidiarem trabalhos educacionais e/ou tecnológicos. Esses impedimentos, em uma análise inicial, podem traduzir a incapacidade da sociedade de perceber a Comunicação como um direito. As relações entre espectador e produtor são colocadas de maneira tão distante e capitalizada que se torna difícil entender que existe uma visão de Comunicação para além da relação de consumo, e da constituição dos meios como empresas. Mais ainda, existe uma falta de sensibilidade para compreender que, muitas vezes, garantir o direito à Comunicação ajuda a garantir todos os outros direitos entendidos como básicos, a exemplo da saúde e educação. E, para além disso, proporcionar ferramentas para lutar pelos direitos, o que é uma lógica menos paternalista, convidativa e mais pró-ativa de reivindicação. De qualquer maneira, entende-se que a relação entre sociedade democrática e

democratização dos meios de comunicação parece que ainda não é tão direta para a sociedade como para com quem trabalha e estuda Comunicação. E se trata de uma lógica simples dentro do senso comum de que não é possível ou, ao menos, é muito difícil conceber uma sociedade igualitária se não existe hoje igualdade do direito de se expressar, enquanto se consolidam os monopólios.

A falta de apoio institucional, entretanto, reforçou o caráter autônomo, uma das intenções iniciais do Projeto. Entretanto, essa intenção se tornou necessidade e a prática do *faça-você-mesmo*, ou a chamada ética DIY (do inglês *do-it-yourself*), foi aplicada em todos os níveis de realização do trabalho. Uma maneira de aproveitar todos os recursos à nossas mãos para completar as tarefas, o que não se resulta em uma simples e imatura atividade prática, mas um desafio que envolveu e envolve ainda mais os membros do trabalho com o Projeto Dissonante. O fato de o Projeto estar pronto hoje— para ser colocado à prova perante indivíduos, coletivos e sociedade— é uma resposta de como é possível e viável criar meios alternativos por meio da ética DIY, sem criar vínculos restritivos com empresas, instituições ou representantes.

Porém, é preciso esclarecer que quando se fala em *faça-você-mesmo*, não significa que o Projeto Dissonante é fruto somente de duas pessoas, membros desse projeto. A priori, essa visão seria uma leitura simplista e equivocada do que se trata a ética DIY. Fazer-você-mesmo se trata mais em criar espaços, mundos e vivências geridos por contra própria do que se restringir em atitudes individualistas. Uma prática que não isola, mas estimula o contato entre pessoas e a troca de experiências, de maneira que a aplicação da DIY em toda a realização do projeto se viabilizou a partir de uma rede de solidariedade e cooperação, presente em todos os meses de elaboração do trabalho.

Se o senso comum pode afirmar que as organizações sociais somente funcionam com hierarquização de funções, da necessidade de elencar alguém pra dar ordens e outra pessoa pra recebê-las — e que a coesão de um agrupamento acontece apenas por coerção ou por interesses individuais — a realização do Projeto Dissonante pretende provar que essa lógica não está sempre certa. Organizações baseadas no apoio mútuo e ligadas pela solidariedade podem funcionar. Não é preciso salários para que as pessoas queiram participar e ajudar, como também não é preciso de um patrão para que as tarefas sejam realizadas.

Várias pessoas ajudaram, participaram e ou manifestaram interesse em ajudar por acreditar no

projeto. E se não fosse por essas pessoas, talvez o Projeto Dissonante não existiria. A execução do mesmo foi realizada de maneira horizontal, inclusive durante as orientações, em quais cada membro ajudava com o que acreditava poder ajudar e era auxiliado com o que precisava de auxílio. Cada indivíduo pode contribuir para a construção de uma coletividade por meio do que se possui e deseja. O conhecimento técnico, as habilidades práticas e toda a bagagem cultural facilitam a realização de um projeto, mas não são suficientes sozinhos. A elaboração do Projeto Dissonante foi exercício interessante para mostrar que cada pessoa, mesmo com habilidades e vontades diferentes, é sempre uma parte importante dentro de uma construção coletiva.

Nesse sentido, a elaboração de um projeto final voltado para a busca de alternativas reais de democratização da Comunicação contribuiu não somente para ampliar os campos de ações de movimentos e coletivos que lutam pela causa, mas mostrou que a execução de um planejamento pode ocorrer aliando as afinidades dos participantes. Em vez de uma suposta necessidade atual de se exigir de cada indivíduo o conhecimento mínimo sobre tudo— para se possa enfrentar as convergências tecnológicas e o próprio mercado— alinhar afinidades distintas em um objetivo comum pode enriquecer a execução de idéias. No caso do Projeto Dissonante, cada membro contribuiu com sua bagagem de vida acadêmica e pessoal. Em certos momentos do Projeto, por exemplo, de um lado sabia-se mais sobre onde encontrar referências bibliográficas, do outro o domínio técnico de implementação dos eixos de ação contribuía para o andamento do mesmo, construindo, assim, uma unidade diversificada.

As ações do projeto tornaram-se gratificantes na medida em que ocorriam trocas de experiências. Dessa forma, esse tipo de postura proporciona melhores resultados, já que cada um sente responsável e capaz de contribuir de forma efetiva para o funcionamento do projeto.

Diante de um trabalho em dupla, surgiram algumas dificuldades já que cada um agia entendendo a existência de dois ritmos de produção e compreensão diferentes. Nem sempre é fácil lidar com a espera e o tempo de ação de cada um. Contudo, o produto final funcionou de forma eficiente graças ao trabalho em conjunto dos dois membros, juntamente com os colaboradores, e não teria o mesmo resultado atual se fosse realizado individualmente. Nesse último caso, não invalidamos a capacidade de nenhum dos membros, ou de qualquer outra pessoa, mas compreendemos que o Projeto correria riscos de ganhar, se realizado sozinho, caráter extremamente técnico ou extremamente influenciado por uma única vertente

ideológica.

Segundo o Núcleo de Informação e Coordenação do Comitê Gestor de Internet no Brasil, cerca de 66,8% da população brasileira nunca utilizou a Internet e 14,4% dos domicílios brasileiros possuem acesso à Internet no Brasil. Esses números puderam ser analisados e discutidos entre os membros do projeto por duas perspectivas: na primeira visão compreende que a internet ainda é um meio restrito aos mais abastados. A outra sugere que, apesar de ainda ser restrita, ela tem se tornado um espaço importante para a formação de opinião, entendendo-se que a difusão de conteúdo pela *web* ganha proporções para além do próprio meio. Exemplo peculiar disso foi a repercussão por boa parte da população mundial depois de publicações de vídeos polêmicos no sítio youtube.com, mostrando personalidades em situações íntimas. Um desses vídeos repercutiu por todo o Brasil. Não se têm notícias sobre alguma pesquisa para quantificar esse fenômeno, mas, aparentemente, torna-se difícil encontrar pessoas que não conheçam ao menos superficialmente a história.

Logo, tomando-se como base a capacidade de replicação da Internet, o Projeto Dissonante se encaixa bem dentro desse meio. Para efeito de comparação, o vídeo faça-rádio-web-você-mesmo, produzido por ocasião desse trabalho, foi colocado no *Youtube.com*, em endereço provisório, no dia 11 de junho e, na mesma noite, foi acessado por mais de 60 pessoas. Até o dia 24 de junho, registra-se no mesmo endereço o número de acesso de 119 pessoas. Já o endereço oficial, www.youtube.com/projetodissonante, já são mais de 130 pessoas que acessaram o vídeo. Ressalta-se que não houve, até o momento, nenhum processo de divulgação do Projeto, além conversas com amigos e pessoas próximas. Também é importante ressaltar que nenhum desses números pode ser considerado uma amostra definitiva, mas já revela a potencialidade do meio.

Na internet, um projeto sobre Rádio *Web* mostrou-se relevante por ser um meio novo e pouco difundido, se considerado cerca de 42% dos brasileiros, que já acessaram à internet. Também é importante compreender que, apesar do acesso restrito à internet, diversos programas governamentais ou de ONGs, que prometem inclusão digital e o próprio barateamento tecnológico, além do aumento da presença da rede no dia-a-dia, mostra aumentos progressivos de usuários. Assim, o Projeto Dissonante criado para funcionar atemporalmente, pode ser aproveitado na medida que novas pessoas passem a ter maior contato com esse meio virtual.

Como conclusão secundária do projeto, reforça-se uma preocupação com os futuros direcionamentos legais que a internet possa tomar. A China tem uma rígida legislação para tentar restringir a divulgação de alguns conteúdos para a população chinesa. Já no Estados Unidos o governo norte-americano faz grandes pressões para que empresas como *Yahoo!* e *Google!* divulguem seu banco de fontes com os contatos de usuários, com a alegação de tentar mapear pela internet possíveis pedófilos. Essas intervenções podem se configurar como um grande empecilho ao uso livre da internet.

Dessa forma, compreende-se que a implementação de iniciativas como a criação de Rádios *web* pode contribuir significativamente para que a Internet seja apropriada cada vez mais pelos ideais livres, impedindo as possíveis intervenções governamentais ou do mercado obstruam o direito de uso desse meio. Toda o Trabalho Final ainda mostrou caminhos que potencializem ações de políticas de comunicação diretamente incorporadas ao cotidiano e não apenas formuladas e dependentes do âmbito estatal.

Por fim, antes de qualquer intenção em resultados, o Projeto Dissonante entende que a iniciativa se tornou um espaço único e propício para reciclar idéias sobre o campo da Comunicação Social e mostrar que ela está para além da reciclagem de técnicas ou equipamentos. E que esse tipo de postura perante a academia, profissão e vida pessoal contribui para a prática de atitudes mais gratificantes e menos tencionadas por dificuldades.

Referências Bibliográficas

_____, *Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda, 2007. Disponível www.uol.com.br. Acessado em 17 jun 2007.

_____, *Desafio da Sustentabilidade: tecnologia social no foco dos jornais brasileiros*. Realização Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Editora Cortez, 2006, São Paulo.

ANDERSON, Perry. *As antinomias de Antonio Gramsci* in *Crítica Marxista – Estratégia Revolucionária na Atualidade*. Editora Joruês, São Paulo 1986.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo, *Manual de Radiojornalismo – Produção*,

Ética e Internet, Editora Campus, 1ª edição, 2001, Rio de Janeiro,

BARBERO, Jesus Martín. *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação da comunicação na cultura, Editora Loyola, 2004, São Paulo

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2003

BOOKCHIN, Murray. *Municipalismo Libertário*. São Paulo: Imaginário, 1999.

BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985

DAGNINO, Evelina. *Cultura, Cidadania e Democracia – A Transformação dos discursos e práticas na esquerda Latino-americana* in *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos – Novas Leituras*. Editora UFMG; Minas Gerias, 2000.

DANTAS, Luciano. *Zine ou Fanzine, o que são? qual a diferença?*. Disponível em <http://www.contrac.hpg.ig.com.br/zine.htm>. Acessado em 26 jun 2007.

DIONNE, J & LAVILLE, Christian. *A construção do saber*. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FILHO, Roberto Cordoville Efrem de Lima. *Direito Humano à Comunicação: Uma afirmação contra a criminalização dos movimentos sociais*. Disponível em www.direitoacomunicacao.org.br/novo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=218 Acessado em: 21 mai 2007

FREIRE. Paulo. *Extensão ou Comunicação?*, Editora Paz e Terra, 12ª. Edição, 2001, Rio de Janeiro

GOMES, Wilson. *Pressuposto Ético-Políticos da Questão da Democratização da Comunicação*. Artigo científico. Bahia, 1992. Disponível em www.facom.ufba.br/etica/txts/democratizacao.pdf. Acessado em 05 abr 2007.

JUNIOR, Lourival da Conceição Pereira e PANTOJA, Verônica Costa e YAMAGUCHI, Jone Kazuki. *Democratização da Informação utilizando Rádios Livres com a Internet*. Disponível em: www.intercom.org. Rio de Janeiro, RJ: Intercom, 2005. Disponível em: www.intercom.org. Acesso em 10 jun. 2007.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cibercultura - contribuições para as teorias dos media*. Salvador, BA: INTERCOM, 2002. Disponível em: www.intercom.org.br. Acesso em 12 jun. 2007

PRADO, Magaly Parreira de, *Pesquisa sobre rádio na web como uma alternativa eficiente de comunicação*. Rio de Janeiro, RJ: Intercom, 2005. Disponível em: www.intercom.org. Acesso em 10 jun. 2007.

RAMOS, Murilo Cesar. “*Les Politiques Nationales de Communication e la crise des Paradigmes*”, in *L'Amérique et les Amériques*. Por Jacques Zylberberg e François Demérs (Orgs.), pp. 136-149. Saint Foy (québec): Les Presses de L'Université Laval, 1992.

MORAES, Dênis de. *O capital da mídia na lógica da Globalização*. IN:_____ (org.). Por uma Outra Comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro, RJ: Record. 2003.

SILVA, Luís Martins da. Comunicação, *Mobilização e Mudança Social*. In: Tânia Siqueira Montoro. (Org.). Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social. 1 ed. Brasília / Salvador: Editora da UnB, 1997, v. 1, p. 28-31.

WALTER, Nicolas. *Sobre o anarquismo*, 2a. edição, Rio de Janeiro, RJ, Editora Achiamé, 2000.

Portal Rádio Livre. Disponível em: <http://www.radiolivre.org/>. Acessado em Dezembro de 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Edital do Instituto Marista de Solidariedade para apoio educacional

ANEXO B – Ata de Reunião de Planejamento da Ralacoco (2007)

ANEXO C – Memorando de solicitação de instalação do servidor de Rádio *web* ao CPD

ANEXO D – Proposta informal feita por e-mail ao Casa Brasília-Ceilândia/UnB

Demanda que o servidor de rádio usaria

Leyberson Pedrosa <leypedrosa@gmail.com>

16 de Abril de 2007 22:32

Para: "quezado@unb.br" <quezado@unb.br>

Professor,

conforme conversamos, envio a base referente da **demanda que o servidor de rádio web do projeto final que estou desenvolvendo pode exigir**. Baseei-me no projeto [Radiolivres.org](http://www.radiolivres.org) (<http://www.radiolivres.org>), similar ao meu, que é sediado na Universidade de Campinas (Unicamp).

Pelas estatísticas do servidor, mostrou-se que a demanda de usuários da Rádio web tem uma média diária de 5 a 10 pessoas conectadas, que variam bastante, com ápice à noite e declínio pela manhã e tarde. A demanda por pessoa de buffering é de 24 kb/s.

Em casos esporádicos, principalmente à noite, uma rádio com programação pode até atingir um pico maior. Por isso, acreditamos que, para validação do projeto e seu funcionamento experimental por média de um ano por aí, podemos trabalhar com a taxa **média de 10 usuários diários conectados, 24kb/s vezes 10, totalizando 240kb/s**.

Com o decorrer e consolidação do projeto e com a criação de contas para atender rádios, a exemplo da rádio web da Casa Brasil, creio que, no prazo de um ano, possa ocorrer algumas oscilações de uso, exigindo eventualmente a conexão de 60 a 80 usuários em uma conta de rádio que tenha produzido alguma programação especial e bem divulgada.

Nessas contas, 80 vezes 24kb/s, totaliza uma demanda hipotética de 1920kb/s. Contudo, para a internet, esse número é quase ideal, pois é difícil concentrar tantas pessoas - por enquanto - em frente a um computador para ouvir rádio.

Em relação a segurança da rede, o servidor que uso é o software livre ICECAST 2 e apenas envia sinais de dados de áudio, bastante conhecido e respeitado em grupos que o usam. É possível também evitar sempre a sobrecarga, configurando o servidor para compartilhar a conexão com o servidor hospedado na Unicamp e outros servidores amigos. Assim, quando o número de usuários chegar ao limite estabelecido, a conexão é direcionada para o outro servidor automaticamente, funcionando em rede.

Para conhecimento, envio também a primeira versão do projeto que estamos produzindo. E ressalto que **uma das possibilidades de uso do servidor**, além de transmitir áudio em tempo real pela internet, é usá-lo para transmitir uma programação de áudio de um lugar longínquo como na comunidade rural de Padre Bernardo para a Rádio UnB que, instantaneamente, a colocaria no ar pela FM.

No mais, é isso.

Obs.: tenho orientação formal do professor Murilo Ramos (ex-diretor da Faculdade) e co-orientação do Professor Fernando Paulino.

Agradeço a oportunidade e aguardo resposta.

Abraços, Leyberson.



Projeto de pesquisa_Servidor de rádio web.doc
122K

Sylvio Quezado <quezado@unb.br>

17 de Abril de 2007 10:55

Para: Leyberson Pedrosa <leypedrosa@gmail.com>

Li e vou dar atenção. Me cobre resposta. SQ!

ANEXO E – Edital de fomento à pesquisa da FINATEC

ANEXO F – Capa da cartilha da Rádio Muda

ANEXO G – Capa da cartilha da Rádio N ÁTIVA

ANEXO H -Lista de distribuição da mala direta

Envio por mailing (caixa de e-mails)

Coletivo / Rádio	Sobre	Contato	Local
Rádio Web Espírito Santo Brasil – Programa Subindo no Caixote	Rádio web experimental (usa Windows)	(usa subindonocaixote@gmail.com http://subindonocaixote.blogspirit.com www.espiritosantobrasil.com.br “O Subindo no Caixote é um programa de rádio produzido e apresentado - com muita atitude e responsabilidade social - por Juliana Gabriela Caetano, Lidia Travassos, Sthefanny Gozze e Vitor Cei (estudantes de Jornalismo da UVV). Também fazem parte da equipe, Jean Mariano (produtor de áudio) e Gilda Soares (orientadora). O Subindo no Caixote vai ao ar na Rádio Poste UVV e na rádio web Espírito Santo Brasil.	Espírito Santo (ES)
Rádio N' Ativa (AL)	Rádio Livre	coletivolivreradionativa@yahoogrupos.com.br	Alagoas (AL)
UFMS	Universidade Federal com curso	Ítalo Milhomem – estudante de Jornalismo e Comissão	Mato Grosso do

	de Comunicação Social	Gestora da Executiva Sul (MS) Nacional dos Estudantes de Comunicação italojob@hotmail.com (62) 3342-1541 (62) 84090344	
Instinto Coletivo	Coletivo de Intervenção na UnB	Danilo Silvestre – danielosbell@gmail.com	
UFG	Universidade Federal de Goiás com curso de Comunicação Social	Elaine Gonzaga – mamaedogabriel@yahoo.com.br	
CMC – Centro Multimedia Comunitários	Projeto da Unesco que leva kits de rádios Comunitárias em diversas regiões com baixo IDH no mundo	http://www.unesco.org/webworld/cmc Stella Hughes	França (sede do Sector de Comunicação da Unesco Sector de Comunicación E Información UNESCO 1, rue Miollis, 75732 Paris Cedex 15 – France e-mail: s.hughes@unesco.org ou ci@unesco.org

Mala direta (Caixa Postal)

Coletivo / Rádio	Sobre	Contato	Local
Rádio Cerrado	Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária em	José Silvano	Padre Bernardo

	assentamento do Incra no município de Padre Bernardo (GO)	(coordenador da rádio) (61) 9623 4108	(GO)
	– ViabilizadoProjeto de Extensão Ceefas – DEX/UnB	Padre Bernardo – Assentamento Boa Vista Eliaana Abrahão 81519418	
Rádio Muda FM	105,7 Rádio Livre (enviar 10 para que redistribuam)	http://muda.radiolivre.org	Unicamp (
Coletivo ENECOS – BsB	Coletivo de estudantes de Faculdades de Comunicação de Brasília	Danilo Fereira - (61) 3373-4310 – danilloferreira1@yahoo.com.br	Brasília (DF)
Projeto Rádio Livre	Iniciativa de se montar Rádio Livre Intinerante no Distrito Federal	Yuriê – (61) 9258-4847	
Centro de Ensino Médio Setor Leste	Iniciativa de professores em realizar semans sobre linguagens midiáticas	Gilberto Barral gilbarral@gmail.com	Asa Sul (DF)
Coletivo Intervozes	Coletivo de Comunicação Social	Rogério Tomaz	

ANEXO I – Foto da instalação do servidor de Rádio Web Bill (22/05/2007)



Resultado final: Cabine com o Servidor (PC) de *Streaming Bill* devidamente identificada com adesivos do Projeto, e funcionando normalmente dentro da Ralacoco.



Logo depois do mutirão: O Projeto Dissonante sendo oficialmente apresentado aos novos integrantes da Ralacoco em reunião ordinária no mesmo dia do mutirão.

ANEXO J – Projeto Técnico da Webrádio Unesp Virtual

Uma rádio-web não é radiodifusão e tampouco tem a recepção aberta e diversificada quanto à do rádio tradicional. Ela utiliza-se de características do rádio convencional e da internet, mas é um novo meio de comunicação, com suas peculiaridades, características, recursos tecnológicos e aplicações.

Para entender o que é uma Web Radio, temos que conhecer e entender os dois meios de comunicação que foram usados em sua concepção: a radiodifusão e a internet.

Radiodifusão:

As invenções como telefone (por Alexander Graham Bell ou Antonio Meucci), o fonógrafo (por Thomas Edison), o microfone (em 1877, por Émile Berliner), o circuito elétrico sintonizado (em 1897, por Oliver Lodge) e as próprias ondas de rádio (em 1887, por Heinrich Rudolph Hertz) deitaram o terreno que possibilitou a criação de um novo meio de comunicação. Descoberta a capacidade da natureza em transmitir ondas eletromagnéticas capazes de transportar informações elétricas (as ondas de rádio, descobertas por Hertz), vários cientistas começaram a desenvolver métodos de transmissão para usar essas ondas.

Segundo alguns autores, a tecnologia de transmissão de som por ondas de rádio foi desenvolvida pelo italiano Marconi, no fim do século XIX. Outros advogam que foi desenvolvida pelo Croata Nikola Tesla.

Na mesma época em 1893, no Brasil, um padre chamado Roberto Landell de Moura também buscava resultados semelhantes, em experiências feitas em São Paulo.

A idéia era transformar a informação sonora em pulsos elétricos (no mesmo processo do telefone e do microfone), e, uma vez tendo esses pulsos elétricos, transmiti-los em determinada frequência através das ondas eletromagnéticas, para um aparelho capaz de receber essas ondas e transforma-las novamente em informação sonora.

Passada essa fase, logo se percebe o poder de comunicação de que esta nova ferramenta é dotada. Através de ondas curtas, é possível fazer transmissões internacionais. Logo, a rádio começa a ser usada para fins comerciais, espalhando-se ao longo do território estadunidense.

No Brasil, a primeira radiodifusão ocorre em 1922, no Rio de Janeiro. Com seu longo alcance, e suas características, o Rádio, em pouco tempo, passa a ser o veículo de comunicação mais importante do Brasil.

O rádio é um meio de comunicação ao qual a maioria da população tem acesso. Por se tratar de um instrumento de baixo custo, pequeno porte e programações diversificadas, exerce uma maior incidência na vida diária das pessoas, tanto em zonas urbanas quanto rurais. Ele é rico em sugestão e sua capacidade de criar imagens, estabelecer laços afetivos e suscitar uma cálida sensação de intimidade com o ouvinte que recebe a mensagem.

Esse veículo de comunicação tem como característica seu apelo da fala direta com o público, o contato íntimo entre o ouvinte e o locutor. O rádio cria a oportunidade para uma identificação mútua com a população, integrando-se à rotina cotidiana do ambiente familiar da comunidade, com grande potencial de mobilização e divulgação.

Assim, motivado pela cultura da oralidade, pelo seu grande poder de penetração nas áreas rurais - grande parte sem acesso a energia elétrica - e pelos custos mais baixos em relação a outras mídias, o rádio é ainda o principal meio de comunicação.

Internet

A Internet nasceu praticamente sem querer. Durante a Guerra Fria, os militares norte-americanos desenvolveram um sistema de comunicação onde a base de dados não ficasse concentrada em um único lugar. Assim, mesmo que o Pentágono fosse destruído, a comunicação entre os militares seria garantida.

Quando a ameaça da Guerra Fria passou, a ArphaNet (nome dado a essa rede) tornou-se tão inútil que os militares já não a consideravam tão importante para mantê-la sob a sua guarda. Assim, a ArphaNet foi passada para as universidades americanas, que logo passaram-na para universidades de outros países.

Hoje em dia é impossível imaginar o mundo sem internet. Ela é o maior sistema de comunicação já criado pelo homem.

Com o surgimento da World Wide Web, esse meio foi enriquecido. O conteúdo da rede ficou mais atraente com a possibilidade de incorporar imagens e sons. Um novo sistema de localização de arquivos criou um ambiente em que cada informação tem um endereço único e pode ser encontrada por qualquer usuário da rede.

Em síntese, a Internet é um conjunto de redes de computadores interligadas que tem em comum um conjunto de protocolos e serviços, de uma forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial.

No Brasil, a internet começa experimentalmente em 1991, num acordo do Ministério da Ciência e Tecnologia e vários centros de pesquisas acadêmicos. Só em 1994 (20 de dezembro) que a internet começa a ter seu uso comercial, como conhecemos hoje, colocado em testes.

Grandes portais surgem, oferecendo conexão e conteúdo a seus assinantes. A internet começa paga, desde a sua conexão até o uso dos mais simples serviços. Com o surgimento dos portais de acesso gratuito, baseados na publicidade, os investidores começaram a pensar numa nova forma de manter comercialmente viável esse novo meio de comunicação.

Graças ao desenvolvimento da internet banda larga, a quantidade de informação que pode ser enviada aumenta consideravelmente. Isso permite que se transmita áudio e vídeo em tempo real pela rede, de um ponto a outro qualquer no mundo.

Uma das principais características da internet é, sem dúvida, a comunicação ponto a ponto. O internauta não quer apenas ver, mas quer ver, ler, ouvir, clicar, alterar, opinar, participar. Diferente da televisão e do rádio, onde há um emissor e vários receptores, na internet todos são emissores e receptores de informação.

A web rádio

Então, o que é uma web rádio?

A idéia era juntar as duas tecnologias numa só.

Tecnicamente, uma web rádio é um sistema de transmissão de arquivos em tempo real através de pacotes de informações (streaming). Ou seja, o arquivo é codificado, dividido em pacotes, transmitido para a rede, e o usuário que se conectar recebe esses pacotes de arquivo na medida em que é enviado para a rede.

Ou seja, um computador enviando dados (áudio, vídeo, não importa o conteúdo, tudo na internet é transformado em dados) pode ser acessado por usuários em qualquer ponto do planeta.

Todos os meios de comunicação causaram avanços tecnológicos e modificaram substancialmente a sociedade. Mas o impacto social causado pela internet é incomparável.

O rádio via internet impõe transformações qualitativas. A origem dessa mudança está na sua própria criação, quando os militares criaram uma rede de comunicação sem um núcleo central. Daí nasce uma rede de comunicação totalmente fora de controle de quem quer que seja. E o rádio via internet vai surgir baseada nessa transformação. O internauta irá à busca do diferencial, e daí decorre uma grande segmentação de assuntos e identificação com os que falam na rede.

Outra grande mudança qualitativa do rádio pela internet é a interatividade. O rádio já é interativo por natureza, mas na internet essa interatividade é total. O ouvinte internauta não quer apenas ouvir o programa, ele quer falar, participar, ler mais informações sobre o assunto. Eles querem consultar arquivos, obter dados, ouvir programas

já apresentados, comunicar-se com a rádio. As emissoras terão que pensar num público alvo cada vez mais específico, pois como é relativamente barato montar e administrar uma web rádio, a programação vai ser cada vez mais direcionada, e a cumplicidade e a busca do interesse comum são essenciais.

A programação da web radio deve ser pensada especialmente para o meio em que é difundida. O que acontece hoje em dia é a retransmissão das FMs locais pela web, para serem ouvidas de qualquer lugar do mundo. Isso não pode ser considerada web radio. Uma web radio de verdade pensa, cria e monta uma programação específica para a internet, considerando todas as características da rede. O material pesquisado pode e deve ser colocado no site, a disposição dos ouvintes. Outra característica é a transmissão ondemand, ou seja, o ouvinte acessa e escuta o programa que quiser na hora que quiser. Não é mais necessário esperar o programa na grade da emissora, você escolhe qual programa quer ouvir. Isso muda substancialmente a forma de administrar uma emissora. A publicidade deve ser pensada de acordo com o público alvo do programa, e não mais da emissora como um todo.

A programação de uma web rádio deve ser desenvolvida explorando ao máximo as características da internet. Cada programa deve ter um público alvo bem definido, que faça com que o usuário opte por acessar seu site num universo enorme de informações. Em web rádio é impossível pensar numa programação universal. Os programas devem ser direcionados, já que aqui o importante não é a quantidade, mas sim a qualidade da informação. O novo ouvinte não quer saber apenas o que aconteceu, mas como aconteceu, em que contexto aconteceu, e como isso pode afetar sua vida.

Contudo, não se deve pensar numa programação totalmente independente dentro de uma emissora web. Apesar dessa diversidade de público alvo, os programas devem ter uma identidade da emissora, para, mesmo sendo de assuntos completamente diferentes, deixarem a marca da emissora bem clara para os ouvintes.

Os programas podem ser ouvidos em tempo real (ao vivo) ou por ondemand (no sistema onde o usuário escolhe o que quer ouvir na hora que quiser). Isso é outra característica do meio que deve ser levada em conta na hora de se escrever e produzir um programa para web rádio. Se o programa é ao vivo, o ouvinte quer interagir, participar, dar opinião, e sentir que a sua opinião foi levada para o programa, e de certo modo, afetou a todos que estavam ouvindo. Tudo isso usando os recursos da internet, já que esse ouvinte pode estar em qualquer parte do mundo.

Já quando esse programa não precisa necessariamente ser ao vivo, deve se ter em mente que o ouvinte vai poder escolher quando ouvi-lo. Atemporalidade é uma das principais características que devem ser consideradas aqui. Completar o conteúdo do programa com mais informações sobre o tema disponíveis no site também é algo que deve ser pensado pelos idealizadores do programa. Uma vez que o ouvinte optou por ouvir aquele determinado programa, logo ele tem certo interesse sobre o tema. A disponibilização de informações aprofundadas sobre o tema é uma ferramenta essencial para o sucesso do programa.

O diferencial, a informação qualitativa, o direcionamento são as características principais da programação de uma web rádio.

O que é necessário para se montar uma web radio

Montar e administrar uma web rádio é relativamente simples e barato. Um computador com conexão de banda larga à internet faz o papel do transmissor. Outro computador, com arquivos digitais de áudio faz o papel de “DJ”, ou seja, é ele que irá reproduzir todo o conteúdo a ser transmitido.

Uma mesa de som e um microfone dão a possibilidade de se ter um locutor na sua web radio. E para gerenciar tudo isso, existem softwares livres disponíveis na rede.

Tudo isso para se ter uma capacidade profissional de produção e transmissão 24h por dia ao vivo, além da programação ondemand.

Mas é possível para o usuário comum montar sua própria web radio?

O mínimo necessário para se montar uma web radio é:

- um computador (mínimo recomendado: Pentium III)

- duas placas de som (normalmente qualquer computador possui pelo menos uma) – R\$35,00
- acesso a internet banda larga através de uma conexão de ip fixo. Com speedy, apenas o plano Speedy Bussines é possível montar uma web radio – R\$109,90 + provedor (R\$20,00)
- um headset (microfone e fone de ouvido, daqueles usados em lan houses) – R\$15,00
- softwares para transmissão, operação e gravação do conteúdo produzido pela radio (todos livres):
- Winamp + shoutcast = é o nosso servidor de streaming. É ele que irá transformar o áudio da rádio em arquivo de mp3 contínua e transmitir para um servidor na rede em forma de pacotes. (www.winamp.com e www.shoutcast.com)
- ZaraRadio = um automatizador de rádios. Ele executa playlists, insere vinhetas, comerciais, hora certa, agenda compromissos, faz programação, enfim, é um estúdio completo (www.zararadio.com)
- Audacity = Editor de áudio para você gravar sons, tocar músicas, importar e exportar arquivos WAV, AIFF e MP3 e muito mais. Use-o para editar, cortar, copiar e colar pedaços de som. (www.audacity.sourceforge.net)

www.wikipedia.org

BARBEIRO, H. e LIMA, P. R. **Manual de Radiojornalismo**. Produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus. 2001